

VOLUME I
FASCICULO II

Revista
Pedagogica

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL
DA _____
ESCOLA DE A. ARTIFICES
DO CEARÁ _____

SUMMARIO

	PAGS.
<i>Patrioticas iniciativas</i>	57
<i>25 de Março</i>	59
<i>Barão de Studart</i>	61
HYMNOS ESCOLARES :	
<i>Hymno Nacional</i> , de Osorio Duque Estrada	63
PANTHEON ESCOLAR :	
<i>General Sampaio</i> , do Barão de Studart	65
<i>O General Sampaio</i> , de Juvenal Galeno	66
LEITURAS CIVICAS :	
<i>21 de Abril</i> , do Dr. Luiz Correia	68
DISCIPLINA ESCOLAR :	
<i>Disciplina e direcção da classe</i>	69
PEDAGOGIA PRATICA :	
<i>Geometria Pratica Primaria</i> , do Professor Odorico Castello Branco	73
HYGIENE ESCOLAR :	
<i>Fezes e aguas servidas</i> , do Dr. Aurelio de Lavor	81
EDIFICIOS ESCOLARES :	
<i>Lyceu Cearense</i>	85
<i>Escola Publica</i> , boulevard Visconde do Rio Branco, 95!	86
ENSINO TECHNICO-PROFISSIONAL :	
<i>Lições de Typographia</i> , de Francisco Rodrigues Cavalcante	87
<i>Escolas de Aprendizizes Artifices no Norte da Republica</i> , relatorio do Dr. Paulo d'Assumpção	89
ASSUMPTOS DIVERSOS :	
<i>A verdadeira acção contra o analphabetismo</i> , de Alcides Montano	95
<i>Evolução do Ensino Primario no Ceará</i> , do Dr. Thomaz Pompeo	97
<i>O Estudo do Grego</i> , do Professor Annibal Mascarenhas	107
<i>Revista Pedagogica</i>	111
LITERATURA DIDACTICA :	
<i>Solemnia Verba</i> , de Domingos José Martins	114
<i>A Patria</i> , de Ruy Barbosa	115
<i>Letra do Hymno Nacional</i> (edição definitiva)	116
<i>Evangelho da Religião</i> (aphorismo de Great)	118
<i>Avante!</i> de Ramos Netto	118
<i>O Dever</i> , de Arthur Azevedo	119
<i>Patria</i> , de Tertuliano Barrêto	119

REVISTA PEDAGOGICA

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

DA

Escola de Aprendizes Artífices
do Ceará



FORTALEZA

OFF. DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DO CEARÁ

1917

Patrioticas Inicativas

Para todo aquelle que se empenha numa causa justa, nada mais consolador que sentir o prestigio da opinião publica, ver que pensa com ella e que a tem a seu lado, applaudindo-lhe a conducta e o rumo que se traçou.

E' precisamente o que se dá conosco—permittam que o digamos, não por velleidade, mas como registo da nossa gratidão.

Excedeu á expectativa dos que idealizaram a organização da REVISTA PEDAGOGICA, o exito alcançado pelo seu fasciculo inicial.

Isto nos desvanece e nos incentiva para a afanosa tarefa que nos impusemos, encontrando no apoio de que nos vemos cercados, farta compensação aos nossos esforços e á porfiada labuta.

Correspondendo ás carinhosas demonstrações de sympathia com que fomos acolhidos por parte dos mais conceituados órgãos da imprensa indigena e dos vultos de maior relevo nas letras e no magisterio cearense, procuraremos esforçar-nos, mais e mais, no proposito de dar cabal desempenho á ardua missão que sobre os hombros alçámos.

Deve a REVISTA PEDAGOGICA o exito obtido, ao curso brilhante de seus illustres collaboradores, aos quaes pehoradamente agradecemos a valiosa coadjuvação que nos estão prestando.

Como previramos, mais opportuno não poderia ter sido o nosso apparecimento do que neste momento em que se agitam as mais imperiosas e patrioticas inicativas, tendentes a abrir para as aspirações da raça um respiradouro de energias e uma esperanza de melhores dias.

Sahindo de uma atmospheria de apathia, de indifferentismo e de desanimo, parece que «caminhamos para uma orientação nova, para uma nova consciencia: de nós mesmos, norleados por um ideal são e bom».

Temos testemunhado, com justificada ufania, os resulta-

dos admiráveis que vai conseguindo o lentamen de um punhado de patriotas que, animados de alevantados intuitos, emprehenderam e estão realizando uma das mais bellas cruzadas que a nossa Historia registará—a guerra de exterminio ao analphabetismo.

Dia a dia, disseminam-se escolas na Capital e no interior do Estado, e, pode-se dizer, o Ceará em peso, num largo gesto de espontaneidade, adheriu rejubiladamente ao movimento operado em torno da generosa propaganda, a cuja frente se encontram homens da mais elevada jerarchia social, e que tem como factor precipuo a mulher cearense.

Como um complemento a essa obra ingente, acaba de ser constituído em Fortaleza o *Comité* regional da Liga de Defesa Nacional, benèmerita instituição que tem despertado em todos os recantos do vasto solo da nossa Patria o maior entusiasmo e que está destinada a representar papel importantissimo na evolução do pensamento brasileiro.

Foi emotiva e alviçareiramente que echoou em nossa terra o appello feito por Olavo Bilac ás energias da geração nova, «para que se impulsione, se consolide, engrandeça e vivifique o espirito lethalizado da nação, para que se realice a grande obra da nossa reconstrucção civica»—caminho franco e luminoso para a conquista de todas as aspirações sociaes de um povo livre.

Será o despertar da consciencia nacional,—uma nova alvorada de liberdade e independencia para a Patria e de segurança e grandeza para as instituições democraticas.

São promotoras desse movimento social de reconstitução patriótica as figuras mais genuinamente representativas da nacionalidade, e o fracasso da grandiosa iniciativa, si se viesse a dar, assumiria—como fez ver preclaro escriptor patricio—uma significação dolorosa e profunda, porque «valeria como uma prova experimental da nossa incapacidade como povo; seria a demonstração da incapacidade da raça para salvar-se a si mesmo».

De facto, como disse o inspirado evangelizador, o Brazil não padece apenas da falta de dinheiro, padece e soffre da falta de crença e de esperanza... E o que o lethaliza é a falta de ideal porque «sem ideal não ha nobreza d'alma, sem nobreza d'alma não ha desinteresse, sem desinteresse não ha cohesão e sem cohesão não pode haver Patria.»

Tem a liga, por objectivo, o resurgimento do caracter nacional pela instrucção moral e civica, da nossa juventude, e é nas escolas, principalmente, que deve ser desenvolvida a sua acção educacional.

E' preciso ministrar á nossa mocidade escolar lições de civismo, inculir-lhe no espirito sentimentos nobres e edificantes, apontar-lhe os deveres que nos correm como órgãos de uma Patria e os direitos que a Constiuição nos assegura, explicar-lhe o que synthetiza o pavilhão de uma nacionalidade, elucidando-a sobre o alcance da fórmula suprema que fluctúa nas dobras do pavilhão brasileiro: «o progresso como o desenvolvimento da ordem»; falar-lhe sobre os nossos grandes homens e e nossas grandes datas, inculir-lhe, enfim, no animo a fé, a confiança nos altos destinos que nos estão reservados, pois nenhum brasileiro, digno realmente de o ser, tem o direito de descrever do futuro da sua Patria.

A Republica tudo espera destas creanças de hoje, destes pequeninos brasileiros, que, órgãos de uma grande Patria, devem preparar o espirito e o coração para servi-la e amá-la acima de todas as coisas.

A missão de todo educador deve ter por fim, consequentemente, não apenas ministrar instrucção aos alumnos que lhe forem confiados, mas, sobretudo, aprestá-los para a vida de bons cidadãos, tendo sempre em mira a verdade inconcussa que resalta destas palavras de Bilac:

« A defesa nacional é tudo para a Nação: é o lar e a Patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho—a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mechanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia, a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade. »

25 de Março

Me nora esta data a libertação total dos escravos do Ceará, em 1884.

Entre os fastos cearenses nenhum outro se avantajava a este.

Acarape foi a primeira terra do Brasil que aboliu a escravatura.

De lá partiu a primeira scantelha da generosa cruzada que esta data luminosa synthetiza. De lá irradiou a idéa, que se foi

alastrando, como um incendio benéfico, cujo clarão ficou a iluminar a Historia.

Só a 13 de Maio de 1888, quatro annos depois de extinta a escravatura em todo o territorio cearense, pôde a aurora da liberdade projectar, no ceu da nossa vida nacional, a sua luz vivificante, arrancando ás trevas de ignominioso captivoeiro milhares e milhares de brasileiros, victimas da mais barbara oppressão.

Partiu do povo a temerosa propaganda, subjugou as individualidades dirigentes do paiz e tornou-se uma realidade a grandiosa utopia.

A commemoração desta data se por um lado relembra uma instituição vergonhosa e deshumana que todos desejam esquecer, por outro evoca uma solenne affirmação da vontade popular, cujo poderio e eloquencia todos os patriotas devem referenciar.

E maior é o nosso orgulho quando, ao evocar este feito, nos lembramos de que a redempção se fez sem tumultos e sem sangue, serenamente, pela acção gloriosa e fecunda da propaganda, pela eloquencia dos tribunos, pelo talento dos jornalistas, pela abnegação dos parlametares de então.

Nenhum outro povo se pôde gabar, como o nosso, de ter assim operado uma verdadeira revolução social, entre canticos, risos, flôres e bençãos.

O que em outros paizes se fez á custa de lagrimas, tremendos martyrios e lutas sanguinolentas, aqui se fez pela livre discussão, pela palavra flammante dos oradores, pela tactica lucida dos politicos, pela vontade soberana do povo.

E é porisso que tão entusiastamente glorificamos essa victoria incomparavel das aspirações consciences da alma nacional sobre a tradição prepotente, sobre o privilegio irracional de uma classe sobre, uma antiga torpeza historica.

Todo brasileiro ao memorar isso deve sentir o seu coração palpitar de eternecido orgulho, porque a libertação da raça negra, o processo por que se firmou a igualdade e a fraternidade de todos os filhos desta grande Patria é o melhor, o mais assombroso testemunho da excellencia de uma raça, da grandeza de uma geração, do poder de uma democracia, da virilidade psychica de um povo.

Bem hajam, pois, os que contribuíram com o seu esforço, para a realização da obra ingente. Bem hajam os jangadeiros da nossa terra, que com o mais accendrado civismo e altiva conducta souberam dar proveitosos exemplos quando bradaram: «No porto do Ceará não embarcarão mais escravos».



Barão de Studart

Estampando na REVISTA PEDAGOGICA o retrato do Sr. Barão de Studart, prestamos um preito mui sincero de admiração á operosidade e á firmeza de animo desse eminente homem de letras, inquestionavelmente um dos cearenses que mais têm sabido honrar o nosso meio intellectual e elevar a nossa cultura.

Mérecidamente acatado pelo saber e pelas virtudes, a sua vida ha sido inteiramente dedicada aos fins mais altruisticos.

Pesquisando documentos, apurando a verdade muitas vezes compromettida ou deturpada pela ma-

ledicencia vulgar e pelos interesses, paixões e antagonismos inherentes ás épocas em que se desenrolaram dados acontecimentos, a obra fecunda que legará ás gerações futuras o Sr. Barão de Studart consubstancia subsidio valiosissimo para o processo do inventario dos mais importantes factos da historia do Ceará, fornecendo, ao mesmo passo, criterio seguro para a partilha do merito, das responsabilidades e dos erros dos que deixaram o seu nome ligado aos principaes eventos de nossa terra, desde o tempo colonial até os nossos dias.

Pelo entusiasmo com que se devota a esse afanoso mister, pela persistencia e pela sua enfibertura moral nas idéas e na acção, o digno titular impõe-se ao respeito e á estima de todos aquelles que sabem avaliar e comprehender o grande alcance e a utilidade dos seus abnegados e pacientes esforços a bem da verdade historica.

O Sr. Barão de Studart, a quem o grande historiador Vieira Fazenda chamou o *Alexandre Herculano do Norte do Brasil*, traz o seu nome ligado a todos os movimentos intellectuaes que se têm operado em nossa terra.

Agora mesmo, fazendo parte do *Comité* central da Liga Contra o Analfabetismo no Ceará, fecundo ha sido o seu auxilio á acção, em conjunto, dos demais prestigiosos membros do *Comité*, os srs. Dr. João Thomé de Saboya e Silva, Presidente do Estado, D. Manoel da Silva Gomes, Arcebispo Metropolitano, Dr. José Saboya de Albuquerque, Secretario do Interior e Justica, Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, Joaquim Magalhães e Julio de Matos Ibiapina.

A coadjuvação prestada pelo erudito cearense a essa benemerita instituição será mais um titulo de honra para o seu nome illustre.

Saudamos o Sr. Barão de Studart, com a homenagem dos nossos respetos ás suas excelsas virtudes de coração e de espirito.

Hymnos Escolares

HYMNO NACIONAL

I

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
Da independencia o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céu da patria nesse instante

Si o penhor dessa egualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Pelo amor da liberdade
Desafia o nosso peito a propria morte!

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salva, salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Quando em teu céu azul, risonho e limpido,
A imagem do cruzeiro resplandece!

Gigante pela propria natureza,
E's bello, és grande, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza!

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos de teu flanco és mãe gentil,

Patria amada, Brasil!

H

Deitado eternamente em berço esplendido,
Entre as ondas do mar e o céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, joia da America,
Iluminado ao sol do novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flores,
“Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida no teu seio mais amores”.

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve, Salve!

Brasil, seja de amor eterno symbolo
O pavilhão que ostentas estrellado
E diga o verde-louro dessa flammula
“—Paz no futuro e gloria no passado”—

Mas da justiça erguendo a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' patria amada!

Dos filhos de teu flanco és mãe gentil,
Patria amada, Brasil!

Esses versos—premiados pelo Congresso Brasileiro—são da
lavra de Osorio Duque Estrada, e a musica do hymno nacio-
nal—«um dos mais bellos e suggestivos do mundo», na phra-
se de Affonso Celso, é de Francisco Manuel, que, com José
Mauricio e Carlos Gomes, «forma a triade brilhante dos nos-
sos grandes compositores».

Pantheon Escolar

GENERAL SAMPAIO

Nasceu a 24 de Maio de 1810 em Tamboril e foi filho de Antonio Ferreira de Sampaio, official de ferreiro e natural de Monte-nor-velho. Era neto materno de Francisco Xavier, cujo nome está ligado á ultima phase da vida aventureira de Martins Chaves, o prisioneiro do governador João Carlos.

A vida de Sampaio é uma serie ininterrupta de luctas, combates e serviços de campanha, desde que sentou praça



a 17 de Junho de 1830 até cair com trez ferimentos mortaes no campo da honra, glorificando a patria com seus companheiros da brava e heroica 3.^a divisão em operações contra o Paraguay.

Como sargento tomou parte nos combates do Icó e S. Miguel a 4 e a 20 de Abril de 1832; esteve na pacificação do Pará em 1835 e na revolução do Maranhão de 1839 a 41, entrando em 46 combates, entre os quaes o de Tabatinga; foi alferes a 20 de Maio de 1839, tenente a 2 de Dezembro do mesmo anno, capitão a 11 de Setembro de 1843, major a 29 de Julho de 1852, tenente-coronel a 2 de Dezembro de 1861 e brigadeiro a 18 de Fevereiro de 1865.

Serviu em epochas diversas nas provincias do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Pernambuco; fez parte da expedição á Colonia do Sacramento e da Divisão Auxiliadora que marchou para Montevidéo; fez a Campanha Oriental, 1864 a 65, e seguindo para o Paraguay em 1865 assistiu á passagem do Paraná a 16 de Abril de 1866, combate da Con-

fluencia a 17 de Abril, occupação do forte de Itapirú a 18, combate de Estero-Bellaco a 2 de Maio, combate de Passo Cidra a 20 e á celebre batalha de Tuyuty a 24 de Maio, seu ultimo feito de armas, seu maior titulo á gratidão e á admiração do paiz inteiro.

O heróe de Tuyuty veio a fallecer dos ferimentos recebidos, a bordo do «Eponina» perto de Buenos-Ayres, a 6 de Julho de 1866, mas seus restos foram trazidos carinhosamente para a patria e, acolhidos triumphalmente, hoje repousam no sólo amigo da Fortaleza no cemiterio de S. João Baptista, 1.º plano á mão esquerda.

A 24 de Maio, data mui significativa, de 1900 a gratidão cearense erigiu uma estatua ao bravo general na Praça Castro Carreira em frente á Estação Central da Estrada de Ferro de Baturité, distribuindo-se nessa occasião uma Polyanthéa commemorando os altos feitos do vencedor de Diaz, o mais reputado, bravo e querido general do Dictador Solano Lopes

Antonio de Sampaio tinha as medalhas da Campanha do Uruguay e Buenos-Ayres e era Cavalleiro de Aviz, Official do Cruzeiro e Official e Commendador da Rosa.

(DO DICCIONARIO BIO-BIBLIOGRAPHICO, DO BARÃO DE STUDART.)

O GENERAL SAMPAIO (*)

(EXCERPTO)

E quem aquelle que a metralha affronta,
Que se embriaga nos clarins da pugna,
Guiando os bravos da victoria á senda ?

Ainda, ainda da batalha os echos —
Sampaio !—dizem a recordar attonidos
Heroicos feitos de immortal renome.

(*) Estes versos foram escriptos pelo grande bardo das LENDAS E CANÇÕES POPULARES, Juvenal Galeno, no dia em que chegaram a esta capital os restos mortaes do General Sampaio.

Eis raia a aurora dos ditosos hymnos !
Triumph a patria, a natureza exulta...
Mas, entre os risos, que sentido pranto!

Aonde o chefe denodado, eximio ?...
Onde Sampaio, da bravura o symbolo ?
Pois já não guia da victoria as hostes ?

Fatal destino lhe quebrára a espada
Da lucta em meio... Vôa ao céu sua alma...
Baqueia o corpo, — mais se eleva o nome!

Astro brilhante que tombou no occaso.
Aguia dos prélios, — devassava o espaço
Quando fuzila da procella o raio.

E a fronte ardente de laureis cingida...
Olhar de genio... coração de fogo...
Eis tudo quedo, regelado, extincto.

Ai, que saudade do Brasil nas hostes !
Mas, não choremos ! Não se chora o bravo
Que a vida immola nos altares patrios !

Sim, não choremos ! Da victoria os cantos,
Do bravo os feitos, da nação as glorias,
Ouçam-se apenas desde o sul ao noste !

Que val a vida quando a patria geme ?
Honra ao soldado que luctando expira...
Vai entre louros reviver na historia !

Honra a Sampaio, ao lidador illustre !
Irmãos, ouvi-me : — Do general na campa,
Em vez de prantos, — entusiasmo e c' rôas...
Em vez de sombras, — muita luz e flôres !

Leituras Cívicas

21 DE ABRIL [*]

Caros escolares patricios :

Certo vos não é desconhecido o nome de *Tiradentes*.

Precisaes agora conhecer-lhe a historia e a tragica morte, o que vos fará, ao mesmo tempo, conhecida uma das passagens mais notaveis da vida do Brazil—vice reino.

Estavamos ainda sob o dominio portuguez quando, pelo anno de 1789, se organizou, em Minas, uma conspiração com o fim de proclamar a nossa independencia. Essa conjuração patriótica passou á historia com o nome de *Inconfidencia mineira*.

Della fizeram parte personagens de destaque, pela posição, pelo talento e pela fortuna. Guardae na memoria os nomes de Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga; e lêde, um dia, o formoso drama historico brasileiro, escripto pelo genial poeta Castro Alves, intitulado—*Gonzaga ou a revolução de Minas*.

Dir-vos-ei agora que, dentre os inconfidentes o mais ardoroso e infatigavel e, depois, o mais resignado no soffrimento, foi o alferes José Joaquim da Silva Xavier, por alcunha o *Tiradentes*, «victima sobre quem recaihi todo o peso da vingança regia e sarcasmo dos vis de todas as épocas».

Entre os inconfidentes, porém, existia um Judas de nome Joaquim Silverio dos Reis, que ao Visconde de Barbacena, então governador de Minas, denunciou os seus companheiros.

Processados os intrepidos brasileiros, pelo crime unico de haverem querido que o Sol da liberdade illuminasse as terras benditas da patria, soffreram a pena de degredo para as costas d'África.

A Tiradentes, porém, foi destinado o supplicio da forca. No largo da Lampadosa, no Rio de Janeiro, a 21 de Abril de 1792, rolou, no patibulo, a sua cabeça varonil «que foi salgada e exposta em alto poste assim como seu corpo esquartejado, no local da sua residencia em Villa Rica e nos logares em que se reuniam os conjurados, sendo alem disso, sua casa arrazada e seus descendentes declarados infames.»

A posteridade, porém, fazendo a merecida justiça ao patriota-martyr, lhe exalça a memoria e lhe bendiz o nome.

Reinava nesse tempo, em Portugal, D. Maria I, a louca, filha de D. José I.

LUIZ CORREIA.

(*) DO LIVRO LEITURAS CÍVICAS, em elaboração, para uso das Escolas.

Disciplina Escolar

DISCIPLINA E DIRECÇÃO DA CLASSE

(Transcripto da REVISTA DE ENSINO, de S. Paulo)

Disciplina em geral

A disciplina é a parte da educação que, por um lado, assegura immediatamente o trabalho dos alumnos, estimulando o seu zelo, mantendo a ordem na classe e, por outro, visando um fim mais remoto e mais elevado, evita ou reprime os desvios da conducta e tende á formação de espiritos rectos, caracteres energicos, capazes de se conduzirem na vida.

Direcção da classe

Vejamos quaes as condições precisas para uma boa direcção e como determinar os meios de conseguil-a.

O silencio e ordem não são os unicos meios de disciplina. Só constituem, na verdade, os signaes exteriores de qualidades mais importantes, a attenção, a docilidade e a actividade methodica, que por vezes simulam, mas nem sempre garantem. Ha classes em que impera um silencio profundo e onde os alumnos não são attentos, não trabalham; outras, apresentando aparentemente uma ordem admiravel, não têm vida. O professor lembrar-se-á sempre que não é sufficiente a simulação de obediencia e da applicação: deve trabalhar para conseguir a verdadeira obediencia e a verdadeira applicação.

Attenção, docilidade e actividade

Asseio, livro, mobilia escolar

Além disso, o asseio dos alumnos, o bom estado dos cadernos e dos livros, a boa conservação da mobilia são indicios de uma classe bem dirigida.

Polidez

E' tambem de alta importancia incutirse nos alumnos o habito da modestia, da polidez e do respeito para com todos, e, sobretudo, o acatamento que é devido aos mestres.

Recreios

A liberdade, nos recreios, não deve degenerar em desordem, em violencia e muito menos em brutalidade.

**Entradas e sa-
hidas**

o silencio nas filas e a correcção das posições e dos alinhamentos.

Nos movimentos de entradas e saídas, cada professor prestará a maxima attenção á sua classe, sendo de grande convenien-

**Meios de disci-
plina**

recompensas e castigos. É principalmente pela sua acção pessoal que elle conseguirá de seus alumnos os esforços de trabalho, as qualidades de compostura que espera de todos elles.

Um professor bem orientado, para constituir em sua classe os diversos elementos de uma boa disciplina, não pode contar sómente com os meios disciplinares affectivos, isto é, com os meios disciplinares affectivos, isto é, com os meios disciplinares affectivos, isto é,

**Disciplina pre-
ventiva**

Não é bastante punir as faltas depois de commettidas; é de melhor alviere impedil-as por meio de medidas preventivas.

**Gosto de traba-
lho****Auctoridade
do professor**

amizade, o amor do alumno. Cabe lembrar o dito de Socrates a um pae de familia: «Nada posso ensinar a seu filho; elle não me ama!»

Não basta incitar a criança ao estudo com o estímulo das recompensas: é preciso tentar inspirar-lhe o gosto, a boa vontade natural para o trabalho.

Um bom professor conseguirá tudo isso, principalmente pela auctoridade que tiver adquirido. O primeiro ponto está em obter a

**Amizade do
alumno**

não deve excluir a firmeza muitos castigos tornar-se-ão inuteis.

É muito mais importante captar a sympathy, conseguir a affeição do que infundir o terror em redor de si. Pela affabilidade, pela bondade, por uma doçura familiar que

**Discernimento
dos caracte-
res**

ra outros. Si ha, no mundo, uma sciencia mais difficil que a de governar os homens, é certamente a de governar as crianças: o bon exito depende do conhecimento dos instinctos proprios de cada natureza individual.

É preciso tambem o professor impôr-se a obrigação de discernir os caracteres. Os mesmos processos não servem para todas as indoles: para uns, a benevolencia não trará inconvenientes; a severidade será necessaria pa-

**As melhores
escolas**

uma vigilancia activa, prevenir as infracções do regulamento e, vendo tudo, impede a realisacção da falta. De outro, mercê de

As punições indicam claramente o valor da escola: a melhor é onde ha menos castigos, pois nessa a acção pessoal do professor é toda poderosa. De um lado elle sabe, por

Actividade do professor

atenção e obtém

uma operosidade incessante, communicada a seus alumnos, elle nunca os deixa desoccupados e pelo seu ensino attrahente, pela animação de suas lições, facilmente prende a

um trabalho perseverante.

Necessidade dos meios disciplinares

anças, sua leviandade natural, por vezes seus maus instinctos bem caracterizados, obrigam os melhores professores a fazer uso quer do castigos quer das recompensas. Não so nos d'aquelles que sonham fazer desapparecer da escola o temor dos castigos, as incitações do amor proprio e da emulação. Existindo na vida punições e premios e devendo a escola preparar as crianças para a mesma, não é inconveniente que ella trave quando o mereça, conhecimento com o codigo penal escolar, ou inversamente, beneficie de certas distincções. E' ter uma concepção chimerica da natureza humana, ainda mais chimerica tratando-se da infancia, pretender conduzir os homens unicamente pelo amor do bem e horror do mal.

Caracter geral dos meios disciplinares

O caracter geral dos meios disciplinares é que se dirigem sobretudo ás faculdades intellectuaes e moraes. Tendem a despertar o sentimento da honra, a idéa do dever, a estimular uma legitima ambição, ou, então, appellam para o arrependimento para um sentimento natural de vergonha e actuam pela privação de certas vantagens, por um augmento de trabalho. Nunca alvejarão as unicas faculdades physicas, e uma idéa moral deverá sempre caracterisar até os meios materiaes de que se lançar mão, quer para punir, quer para recompensar.

Conselhos sobre a applicação dos castigos

A maneira de inflingir um castigo tem mais importancia que o proprio castigo. Sendo applicado sem medida e sem criterio, as melhores punições tomam-se más. Quantos conselhos convém lembrar a esse respeito. E' principalmente no uso da reprehensão que o professor deve ter tacto e prudencia, pois tendo, infelizmente, demasiadas occasiões de se impacientar, poderia, no primeiro momento de colera e de mau humor, ultrapassar os limites e levar a reprehensão até á offronta, á offensa que vexa o amor proprio, que avilta o alumno e faz nascer, não o arrependimento, mas a amargura e o resentimento. Por mais naturaes que sejam

taes movimentos de irritação, o professor deve guardar a calma e applicar o castigo com a gravidade, a impassibilidade de um juiz ao ler uma sentença. A razão deve guia-lo, não a paixão.

Falta duvidosa

Uma outra regra de grande importancia é de nunca punir uma falta sem estar ella bem provada. O sentimento da justiça é muito vivo na criança e o professor, punindo sem razão, perde toda a sua autoridade.

Não castigemos sem avisar préviamente o alumno.

Avisos de castigos

Citam-se mestres que não recorrem nunca ao castigo propriamente dito por ser sufficiente a simples ameaça.

Não imitemos, porém, certos professores que vivem ameaçando, sempre annunciando castigos e nunca os applicam. Sendo um alumno ameaçado de castigos e perseverando na falta, deve a ameaça ser cumprida sem remissão.

Caracter das recompensas

A verdadeira recompensa para o bom alumno é, sem duvida, a satisfação do dever cumprido, é a consciencia de ter tirado de seu trabalho um ganho intellectual e, assim como a reprehensão é o melhor dos castigos, as melhores recompensas são a approvação do mestre, seus elogios discretos que, precisamente, estimulam essa consciencia, esse contentamento intimo.

Recompensas moraes

«As recompensas puramente moraes, diz Marion num relatorio notavel sobre a disciplina dos lyceus, são as de mais alto valor.

Todo educador digno desse nome, todo psychologo sabe que, no fundo, são as unicas que possuem verdadeiro poder educativo».

Mais, embora affirmando a superioridade de taes recompensas, embora desejando que se possa desenvolver bastante moralidade na consciencia das crianças, para que chegue a parecer-lhes sufficiente a satisfação ligada a um acto considerado bom, somos obrigados a reconhecer que essas recompensas, na pratica, não produzem inteiramente o devido effeito, pois nem todas as crianças têm, e mesmo não podem ter, bastante elevação d'alma para lhes dar o seu justo valor. Em todo caso convém reforçar sua acção, assegurar sua efficacia accrescentando-lhes recompensas materiaes, signiaes concretos da approvação do professor.

G. COMPAYRÉ. (*Organisation Pedagogique*).

Pedagogia Prática

GEOMETRIA PRATICA PRIMARIA

(Adaptação às classes primarias do que se encontra nos compendios de geometria).

II

PROPOSIÇÕES E PROBLEMAS

§ 1.º PROPOSIÇÕES

47—«Dois pontos bastam para determinar a posição de uma recta».

48—«A linha recta é a mais curta distancia entre dois pontos».

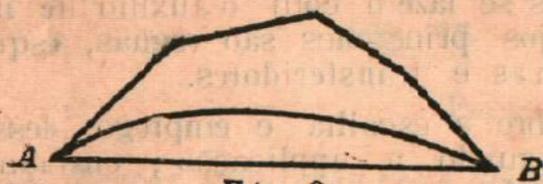


Fig. 9

Na figura 9 os pontos A e B são unidos por uma linha recta, uma curva e uma quebrada; verifica-se que a recta é a menor.

49—«Se duas linhas não rectas tiverem as mesmas extremidades, a exterior ou *envolvente* é maior do que a interior ou *envolvida*.» Verifica-se na mesma figura 9.

50—«Duas circumferencias são iguaes quando descriptas com o mesmo raio.» É o que mostra a figura 10; pode-se, entretanto, verificar esta proposição recortando em papel duas circumferencias descriptas com o mesmo raio e ajustando uma sobre a outra.

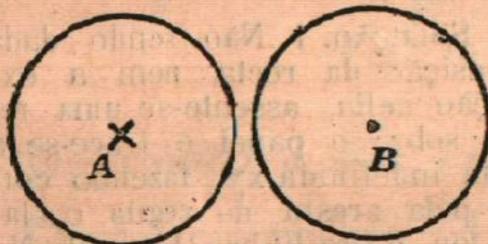


Fig. 10

51—«Dois arcos são iguaes quando suas cordas são iguaes, sendo elles descriptos com raios iguaes.» É o que mostra a figura 11; podendo fazer-se a verificação como precedentemente.

52—OBSERVAÇÃO. Não se trata de demonstrar proposições, o que

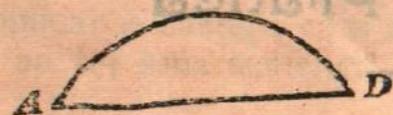


Fig. 11

que o alumno não terá de aplicar.

tiraria o caracter pratico destas lições, e muito menos de obrigar o alumno a decorá-las, o que seria absurdo como methodo e inutil como ensino; applicando-as, porem, verificando-as, sempre que se lhe offereça occasião, ha de elle aprende-las sem esforço, aprendendo ao mesmo tempo que suas construcções têm razão de ser, não as fazendo elle deste ou daquelle modo somente porque o professor mandou. Não se segue dahi que se deva amontoar proposições desnecessarias

§ 2. PROBLEMAS

53.— Os problemas de geometria podem ser *graphicos* ou *numericos* segundo sua solução seja obtida por construcções geometricas ou por operações numericas.

54.— As construcções geometricas se fazem com o auxilio de instrumentos apropriados cujos principaes são reguas, esquadros, compassos, tira-linhas e transferidores.

55.— O professor aconselhará sobre a escolha e emprego desses instrumentos variaveis segundo a applicação; ensinando tambem o modo de verificá-los e conservá-los.

PROBLEMA 1.º

56.— Traçar uma linha recta.



Fig. 12



Fig. 13

SOLUÇÃO. 1. Não sendo dada a posição da recta nem a extensão della, assente-se uma regua sobre o papel e trace-se a recta indefinida xy , fazendo correr pela aresta da regua o lapis ou o tira-linhas (Fig. 12). No quadro negro, emprega-se o giz.

2.º Se a recta pedida tem sua posição determinada pelos pontos A e B faça-se coincidir a aresta da regua com os dois pontos e trace-se a linha. Esta unirá unicamente os dois pontos (Fig. 13) no caso em que elles devam limitá-la.

PROBLEMA 2.º

57—Traçar uma linha recta igual à recta dada *AB*.

A ————— *B*

C ————— *x*
 |
 m

Fig. 14

sendo *Cm* a recta pedida.

Solução. Trace-se a linha recta indefinida *Cx*; tome-se, com o compasso, a distancia *AB* e transporte-se para *Cx*, a partir de *C*: determina-se, de tal modo, o ponto *m*,

PROBLEMA 3.º

58—Traçar uma linha recta igual à somma das rectas dadas *AB* e *CD*, (Fig. 15).

A ————— *B*

C ————— *D*

E ————— *F* ————— *G* ————— *y*

Fig. 15

Solução. Faça-se a linha recta *Ey*. A partir de *E*, tome-se *EF = AB*; e a partir de *F*, e no mesmo sentido, tome-se *FG = CD*: a recta *EG* é a linha pedida.

PROBLEMA 4.º

59—Traçar uma linha recta igual à differença das rectas dadas *ab* e *cd*, (Fig. 16).

A ————— *B*

C ————— *D*

M ————— *F* ————— *E* ————— *x*

Fig. 16

Solução. Faça-se *Mx*. A partir de *M*, tome-se *ME = AB*; e a partir de *E* e no sentido *EM*, tome-se *EF = CD*: *MF* é a recta pedida.

PROBLEMA 5.º

60—Prolongar a recta *EF*.

E ————— *F* ————— *y*

Fig. 17

Solução. Ajuste-se com a recta *EF* a aresta de uma regua; e trace-se o prolongamento no sentido indicado fazendo correr o lapis ou o tira-linhas [ou o giz] ao longo da aresta da regua.

PROBLEMA 6.º

61—*Descrever uma circumferencia.*

Solução. Não sendo dado o raio nem o centro da figura, firme-se sem esforço a ponta secca do compasso no papel ou no quadro e gire-se o instrumento de modo que a outra ponta, por um movimento continuo, descreva a curva completa. A abertura do compasso que será qualquer no caso precedente, dará a medida do raio quando o raio seja dado como da figura 18.

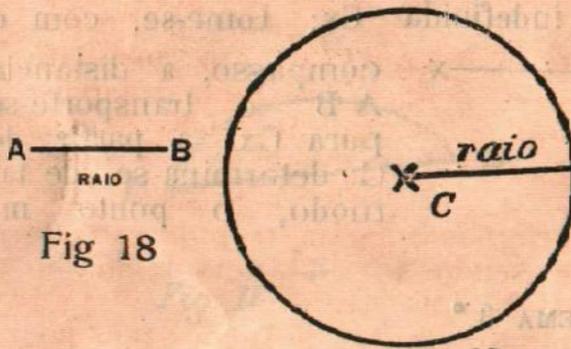


Fig 18

Fig. 18

O centro dado, ali, é C; e neste ponto assenta a ponta

secca do compasso.

62—*Nota.* A figura pode ser descripta com um cordão de comprimento igual ao raio. Uma extremidade do cordão é fixada no centro e a outra extremidade, munida de lapis, tira-linhas ou giz, descreve a curva.

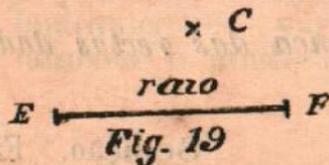
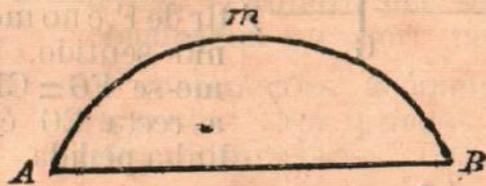


Fig. 19

PROBLEMA 7.º

63—*Descrever um arco de raio dado e traçar a corda desse arco.*

Solução. Descreve-se o arco AmB como no problema anterior; o centro é C e o raio E F. Trace-se depois a corda AB unindo as extremidades A e B do arco.

PROBLEMA 8.º

64—*Descrever um arco igual a um arco dado, conhecendo-se o raio deste.*

Solução. Seja AmB o arco dado, de centro O e raio OA; seja P o novo centro. Com o centro em P e com o raio OA, descreva-se o arco OnD ; trace-se a corda AB do arco dado; e com uma abertura de compasso igual a AB, faça-se centro na extremidade C do segundo arco e corte-se este arco

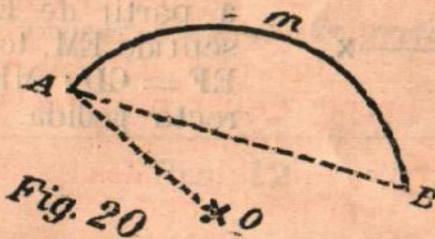
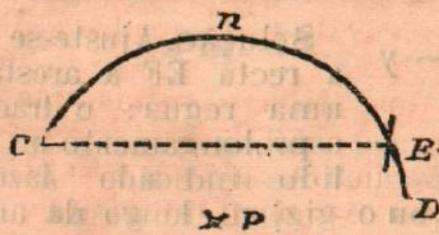


Fig. 20



em E. A porção CnE é o arco pedido.

PROBLEMA 9.º

65—Achar um ponto equidistante dos extremos da recta AB , situado fora da mesma recta.

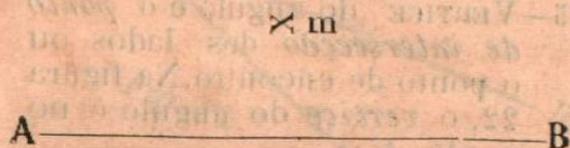


Fig 21.

Solução. Com um raio qualquer, maior do que metade da recta, faça-se centro em A e descreva-se um pequeno arco acima da recta; depois, com o mesmo raio, faça-se centro em B e descreva-se outro arco que corte o primeiro. Determina-se assim o ponto m , equidistante dos pontos A e B, sendo a distancia igual ao raio com que foram descriptos os dois arcos.

66—Observações. 1.ª O problema admite muitas soluções pois pode-se descrever os arcos com qualquer raio. 2.ª A cada ponto acima da recta corresponde outro abaixo, determinado do mesmo modo e com o mesmo raio. 3.ª Esses pontos ficarão reduzidos a dois (um acima e outro abaixo da recta), sendo dado a distancia a que elles devam ficar das extremidades della.

A LINHA RECTA NO ESPAÇO E NO PLANO

ANGULOS

§ 1.º DEFINIÇÕES

- 67—A linha recta, no espaço, pode ser *horizontal*, *vertical* ou *inclinada*.
- 68—A linha recta é *vertical* quando segue a direcção do « fio de prumo ». Todos têm visto o « fio de prumo » com que trabalham os pedreiros; a posição do fio de prumo é a vertical. A direcção de uma pedra que caher livremente é a vertical.
- 69—*Horizontal* é a recta quando na direcção da superficie das aguas tranquillas. Quando o operario quer uma recta horizontal serve-se de um instrumento chamado *nivel*.
- 70—*Inclinada* é a recta que não está em qualquer das posições anteriores; isto é, não é vertical nem horizontal.
- 71—Na sala de classe ha exemplos disto: as arestas dos moveis; as linhas e os caibros do tecto; o cavallete do quadro negro; os fios das lampadas electricas; etc.
- 72—ANGULO é a figura formada por duas linhas rectas que se encontrem.
- 73—O angulo, assim definido, é uma figura plana, isto é, as duas linhas que o formam podem existir num plano.

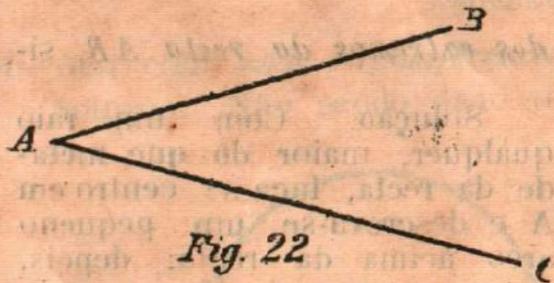


Fig. 22

74—As linhas que formam o angulo são os *Lados* do angulo.

Na figura 22, os *Lados* do angulo são as rectas AB e AC.

75—*VERTICE* do angulo é o *ponto de intersecção* dos lados ou o ponto de encontro. Na figura 22, o *vertice* do angulo é no ponto A.

76—*Abertura* é o afastamento dos lados, o qual pode ser maior ou menor.

77—O angulo é, portanto, maior ou menor, segundo tem maior ou menor abertura; podendo-se sempre *supper* seus lados prolongados indefinidamente.

78—Designa-se um angulo por tres letras escriptas nos dois lados e no vertice; quando se enunciam essas letras, a do vertice deve ser enunciada entre as outras duas. O angulo da Fig. 22 diz-se BAC ou CAB; nunca BCA ou CBA ou de outro qualquer modo.

79—Isto é uma *convenção* necessaria, para que se saiba de que angulo se trata: a enunciação feita de qualquer modo traria confusão por não se saber de que angulo se tratava.

80—Pode-se indicar um angulo somente pela letra do vertice, quando dahi não resulte confusão. A fig. 22 pode se dizer o *angulo A*.

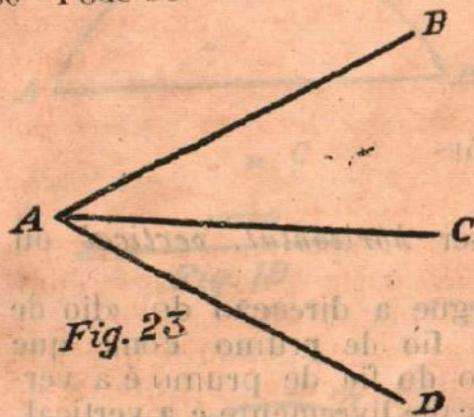


Fig. 23

81—*ANGULOS ADJACENTES* são os que têm um lado commum: estão neste caso os angulos BAC e CAD cujo lado commum é AC, tendo elles o *vertice* commum em A.

82—Os angulos adjacentes não podem ser designados unicamente pela letra do vertice por ser o vertice commum.

83—A Fig. 25 mostra dois angulos adjacentes cujo lado commum é OC e cujos lados externos OB e OA estão em linha recta (a recta AB).

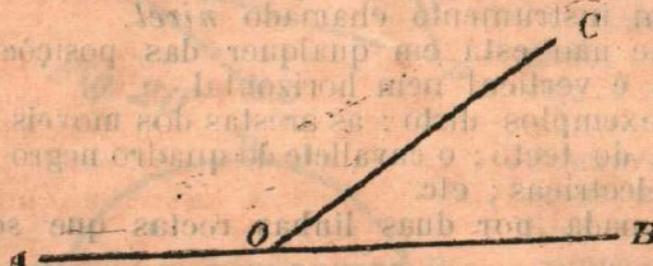


Fig. 25

84—*BISSECTRIZ* de um angulo é a recta que o divide exactamente ao meio. A recta AD, na figura 26 é a bissectriz do angulo BAC;

divide este angulo nos dois angulos iguaes BAD e DAC.

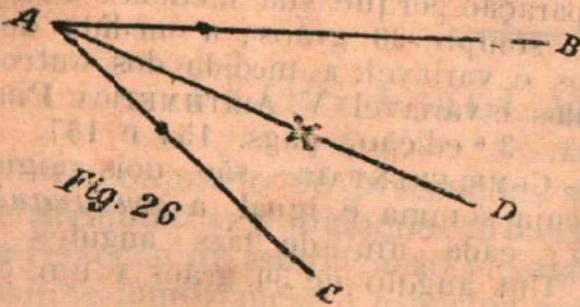


Fig. 26

85—Dois ângulos são iguaes quando sua coincidência é possível, isto é, quando se pode collocar um delles sobre o outro e o vertice de um e os lados delle cahem respectivamente sobre o vertice e os lados do outro.

86—Dois ângulos são iguaes, emfim, quando suas aberturas são iguaes.

§ 2.º MEDIDA DOS ANGULOS

87—Mede-se um ângulo pelo arco descripto de seu vertice, como centro, e com um raio qualquer; a parte do arco comprehendida entre os lados do ângulo é a medida delle. De tal modo, a grandeza de um ângulo se exprime, como a do arco, em grãos, minutos e segundos (vê o n.º 46).

88—Comprende-se que não seria possível medir-se um ângulo pelo arco comprehendido entre seus lados, com o centro no vertice, sem que a medida desse arco fosse sempre a mesma. De facto, ella é sempre a mesma, seja qual for o raio com que se descreva o arco, isto é, se um ângulo comporta, entre seus lados, um arco de 15 grãos descriptos com o centro no vertice, todo arco que se descrever com o mesmo centro e com um raio qualquer, terá 15 grãos entre os lados desse ângulo.

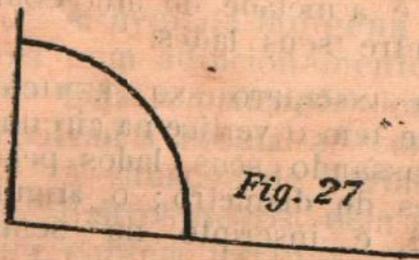


Fig. 27

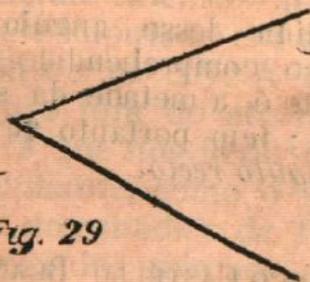


Fig. 29

89—*Angulo recto* é aquelle cujos lados comprehendem um arco igual á quarta parte da circumferencia ou 90 grãos.

90. *Agudo* é o ângulo que tem a abertura menor do que a do ângulo recto, isto é, o arco comprehendido entre seus lados tem menos de 90 grãos. A figura 29 é um ângulo agudo.

91 — **OBTUSO** é o ângulo que tem a abertura maior do que a do ângulo recto, isto é, comprehende entre os seus lados um arco de mais de 90 grãos. A figura 30 é um ângulo obtuso.

92 — Um ângulo de $17^{\circ} 40' 32''$ é agudo; um ângulo de $105^{\circ} 43' 28''$ é obtuso.

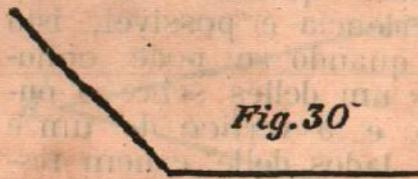


Fig. 30

93—O *ângulo recto* é o termo de comparação porque sua medida é constante, sempre 90 graus; a medida dos outros é variável; a medida dos outros ângulos é variável. V. ARITHMETICA PRIMARIA, 3.^a edição, pags. 154 e 167.

94—COMPLEMENTARES são dois ângulos cuja somma é igual a um *ângulo recto*; cada um de taes ângulos é

o COMPLEMENTO do outro. Um ângulo de 30 graus e um de 60 graus são complementares.

95—Dois ângulos são suplementares quando sua somma é igual a dois *ângulos rectos*; cada um de taes ângulos é o SUPPLEMENTO do outro. Um ângulo de 50 graus e outro de 130 graus são suplementares.

96—Medem-se os ângulos por meio do *transferidor* que serve também para se construírem; sobre o papel, ângulos de grandeza dada.

§ 3.^o ÂNGULOS INSCRIPTOS

97—ÂNGULO CENTRAL é o que tem o vértice no centro da circunferência; tal é o ângulo DCE. A medida desse ângulo é, como já se sabe, o arco DE compreendido entre seus lados (Fig. 31).

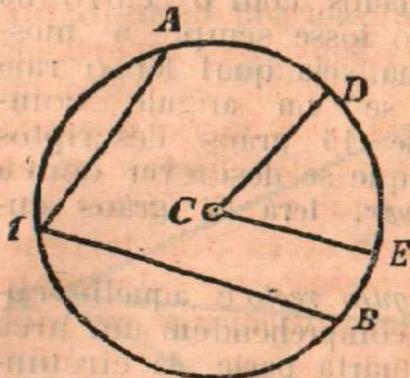


Fig. 31

98—ÂNGULO INSCRIPTO é o que tem o vértice na circunferência, sendo os lados *cordas*; tal é o ângulo M na figura 31. A medida de um *ângulo inscripto* é a metade do arco compreendido entre seus lados.

99—Ângulo INSCRIPTO NO SEMICIRCULO é o que tem o vértice na circunferência, passando seus lados pelas extremidades do diâmetro; o ângulo A, fig. 32, é inscripto no semicirculo.

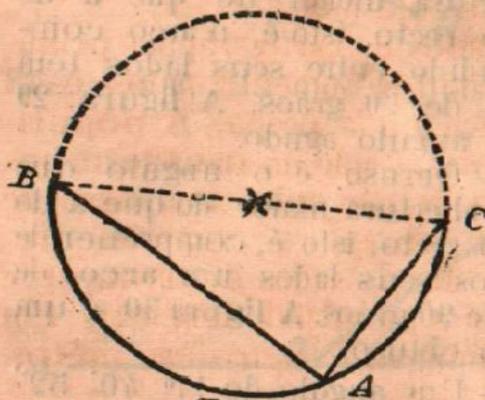


Fig. 32

100—A medida desse ângulo é a metade do arco compreendido entre seus lados, isto é, a metade da semicircunferência; tem portanto 90 graus e é um *ângulo recto*.

Hygiene Escolar

FEZES E AGUAS SERVIDAS

O conjunto de precauções sanitarias adoptado no intuito de premunir as populações urbanas contra todo mal resultante da remoção ou esterilização viciosas das materias excrementicias, assume importancia e aspectos especiaes em Fortaleza, inherentes á composição do solo de nossa *urbs* e á topographia e meteorologia da região.

D'ahi o grande numero de molestias evitaveis, que se não evitam aqui, e a conformidade da população em soffrel-as, comparavel somente ao fatalismo musulmano.

Se lhe morrem os filhos de *espasmo*, diarrhéa verde ou opilação «é por que Deus assim o quiz».

A hygiene escolar deve começar pela varredura da crendice chata e parvalhona, contraria á razão e ao *serva te ipsum*.

Quando Fortaleza contava, apenas, trinta mil habitantes era proverbial sua salubridade entre as capitães do norte brasileiro; porém, suas ruas e praças não tinham quarteirões macissos de prédios apinhados, como hoje, na exiguidade relativa das superficies.

A casaria erguia-se a intervallos nas ondulações da planicie sem empecer os cursos d'agua naturaes, sem barrar o escoamento das aguas de infiltração, que se iam facilmente ao oceano. Os dejectos que o barril alcatroado não conduzia ao mar eram, então, lançados *á la volée* na areia secca dos terrenos baldios, onde os calcinava a canicula da *terra do sol* e do vento.

A hygiene indigena prescrevia, então, dizem-nos, a fossa fixa com addicionamento da cal virgem.

Esta *complicação* impopularizou a fossa e pouca gente se resolveu a adoptal-a—com ou sem a precaução indicada.

A situação de Fortaleza é actualmente mui diversa.

Bairros novos, nem sequer esboçados na cartographia primitiva, cobrem terrenos outrora frequentados somente pelos que, vencendo extensos areiaes, iam á caça ou á pesca. A população é computada em OITENTA MIL almas. Não ha mais terrenos devolutos na *city*. A carestia da vida fez do cubo um meio de espurgo fora do alcance das familias pobres.

O que nos ficou da prophylaxia do passado e permanece triumphante, como o *jogo do bicho*, é a fossa fixa sem cal. Em 80% dos prédios de Fortaleza ella immigra de metro em metro, na area dos quintaes.

Cumpre accrescentar que os alicerces das casas e dos muros, barrando as aguas de infiltração, transformam o solo urbano em

vasto açude subterraneo cujo liquido aflora á menor escavação e entra por mais de metade na formação do amalgama pestifero das fossas.

No represamento alludido têm cooperado os aterros e nivelamentos de algumas ruas, sem attenção ao regimen natural dos aguas, não por incapacidade de nossa engenharia sanitaria, porem por insufficiencia das verbas respectivas.

Chegamos assim a fabricar pantanos onde não os tinhamos, cujo menor mal é serem viveiros fecundissimos de moscas e carapanans.

São fatalmente infectantes as aguas contidas nas camadas menos profundas do solo; isto, é as que mais facilmente entram em contacto com as vias de absorpção do organismo humano. Na multiplicidade das infecções que vehiculam é factor preponderante a ausencia, cada dia mais lastimavel, das aguas captadas e canalizadas para todos os misteres do abastecimento.

Eis aqui uma especie de nó gordio que tem embotado os dentes e as unhas dos governos que o têm querido desatar e está a clamar por uma nova espada de Alexandre.

Aguas encanadas e esgotos, como os ha até em cidades de segunda ordem nos Estados do Sul, seria, inutil dizel-o, a solução.

Tel-a-emos um dia? Enquanto não, venham as sanitarios, typo Desland, em cujos tanques receptores as materias excrementicias se decompõem e esterilizam tão completamente que o que dellas transborda para o tanque de descarga é agua limpida e inodora, como as de chuva em Abril.

Tão excellento resultado é obtido sem mais onus que o exigido para o funcionamento regular do aparelho e consiste em haver agua sufficiente em deposito collocado acima da bacia, de modo a cahir nella em jorro forte, de sete a nove litros, para cada vez.

A fossa sanitaria Desland só é passivel, pois, onde houver reservatorio elevado donde a agua possa ser derivada para es e systema de espurgo domestico.

O seu unico inconveniente, talvez, é ser relativamente caro e, portanto, de adopção difficil nas casas pobres.

Nos estabelecimentos de instrucção publica onde a boa vontade das administrações pode contar com a do governo, seria imperdoavel desidia não reclamar a fossa sanitaria, que se nos afigura a melhor solução do problema, na ausencia dos encanamentos para o saneamento urbano.

Nas actuaes circumstancias, o tanque de descarga no subsolo, protegido por aboboda de alvenaria, parece-nos o melhor destino a dar ás aguas servidas, que lançadas ao chão dos quintaes se associam ao lixo, não para o desabrochar das rosas mas para corromperem o ambiente

A inobservancia dos preceitos mais elementares, relativamente á hygiene domestica, tem feito avultar assombrosamente o obituario de Fortaleza, pondo-a ao nivel das cidades do mundo em que é mais baixa a media da vida humana. Semelhante desvantagem deve ser levada á conta da enorme frequencia das molestias do apparelho digestivo, tão diversas, tão varias em suas manifestações clinicas, desde as paratyphicas de forma tão grave, que tantas vidas preciosas nos tem roubado, até a diarrhéa verde que é o mau presagio de todos os berços.

Propositadamente calamos o muito que poderia ainda ser dito sobre as colli-bacilloses, sua proveniencia e transmissão pelas aguas e pelo mais que ingerimos, porque esse thema tem tido a collaboração intelligente de todos os hygienistas patricios. Relativamente mais raros têm sido os estudos de parasitologia gastro-intestinal, aliás, de tamanha relevancia em o nosso meio.

E' no interior das casas e dos quintaes infeccionados por fezes e aguas servidas que prolifera a legião dos *nematoides* do tubo digestivo, um dos factores do abastardamento da especie humana, no dizer dos scientists que se têm consagrado á pathologia tropical.

O operoso clinico que é o doutor Alfredo Matta, medico dos hospitaes de Manaus, autor de substanciosa monographia laureada pela *Escuela de Medecina de Guayaquil* e publicada no *Brasil Medico*, do Rio, demonstra com exhuberancia, a exactidão da synthese acima enunciada. Suas conclusões, baseadas em valiosos estudos clinicos e de laboratorio, coincidem em absoluto com as deducções praticas formuladas por Loos, Schaudinn e outros luminares da medicina alienigena e pelo egregio professor Austregesilo, da Faculdade do Rio.

Desses parasitas, os *ancylostomos*, os *necator americanus* e os *anguillula* penetram no organismo humano pela boca e através da pelle, escoriada ou não. Estes, diz Alfredo Matta, «quando em contacto com qualquer solução de continuidade ou com as venulas da pelle ou, o que é mais commum, com os folliculos dos pêlos, atravessam o tegumento cutaneo, ganham as veias e o sangue os conduz ao coração direito e aos capillares do pulmão que são delicadissimos; e os embryões, na impossibilidade de atravessal-os, rompem-nos, attingindo, em seguida, os alveolos pulmonares. Seguem d'ahi para a garganta pelos bronchios, trachea e larynge; e deglutidos com a saliva e os alimentos, chegam ao estomago e ao duodeno» que é seu habitat predilecto e o nascedouro principal da *ancylostomose* e da *anguillulose*,

miserias organicas que o povo define numa palavra : opilação. A facilidade de penetração de taes parasitas através da pelle e dos pulmões e pelas vias digestivas explica a frequencia das erupções e pruridos, acompanhados de edemas passageiros e as bronchites simples tantas vezes observadas nos opilados. Taes accidentes resistem, geralmente, ás medicações mais criteriosas, porque, via de regra, ninguem se apercebe de sua exotica procedencia.

Dos que invadem o organismo pela boca os mais comuns em nossas climas são as lombrigas e os oxyuros, cujos ovulos infestam as aguas de cacimba expostas ao vento e ao enxurro pluvial dos terrenos adjacentes, bem como as dos tanques e lavadouros, em que as crianças se immergem horas inteiras. As helminthiases communs do aparelho digestivo são facilmente diagnosticadas e debelladas pelos meios therapeuticos que todos conhecem, porem os nematoides erraticos localizam-se por vezes fora de seu habitat ordinario, produzindo lesões e perturbações funcionaes quasi sempre mal interpretadas. Exemplos frisantes dessa heterotopia é a presença de ascarides lombricoides no vesiculo biliar e nos seios da face, verificada casualmente em operações e autopsias. São conhecidos os casos de nematoides do tecido subcutaneo, do aparelho broncho-pulmonar e dos rins.

Na luta sem treguas contra semelhantes invasores a hygiene urbana vê-se na triste contingencia de um combatente desarmado, si lhe fallecem meios efficientes para a defeza das populações, entre os quaes avultam em primeira linha os encanamentos para aguas potaveis e os que se destinam ao espurgo das cidades.

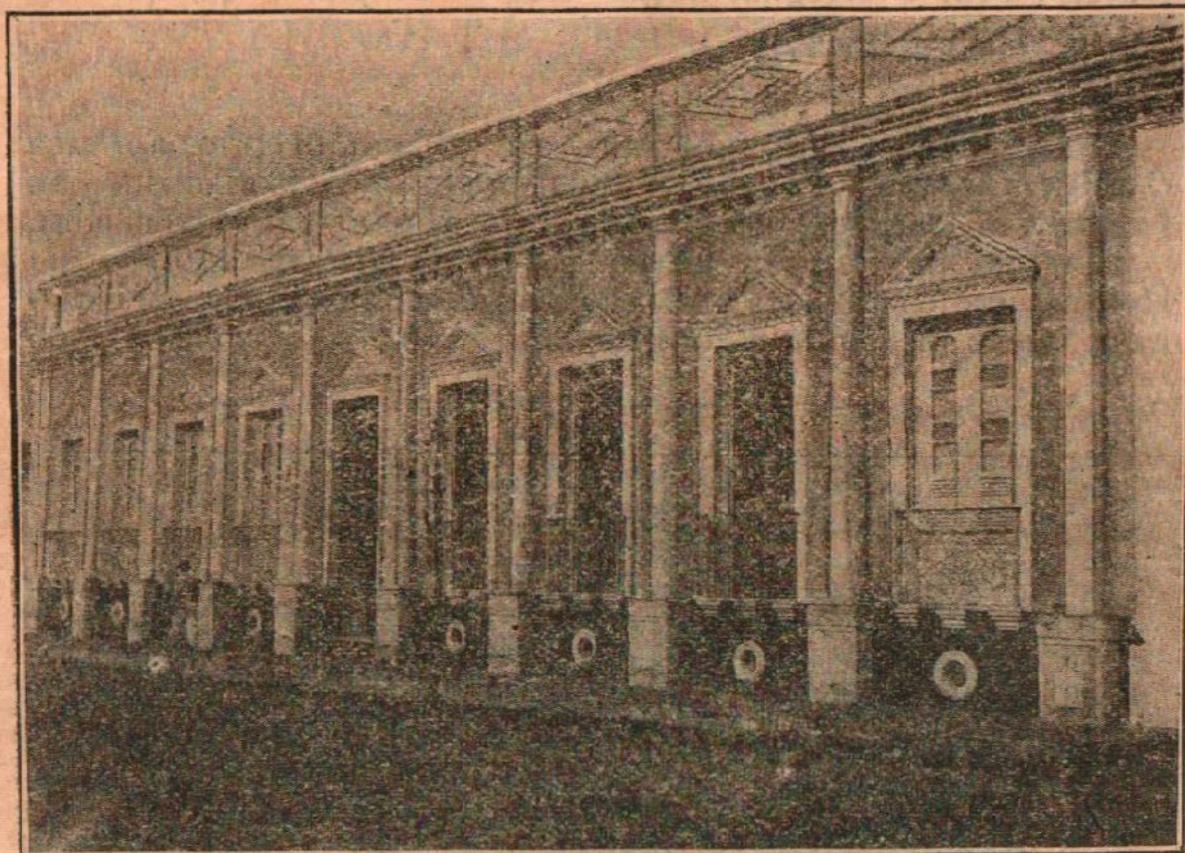
De posse desses meios o homem civilizado realiza facilmente os mais arduos postulados de prophylaxia geral e individual, cuja observancia condiciona a regeneração physica da humanidade, atrophizada, emasculada por seculos de um mysticismo scientifico incapaz de discernir o verdadeiro modo de sublimar o espirito humano.

Em ter dado caracter religioso aos mais simples preceitos de hygiene privada, Moysés fez-se precursor emerito no dominio da sciencia mais util do nosso tempo. Sua biblica figura apparece-nos ainda, apoz tantos seculos, como uma admoestação severa e intelligente sobre o culto que á divina *Hygie* devem os homens de sciencia e os governos.

Se nos conhecera—civilizados, porem roidos de vermes, infestados de microbios e aviltados pela intemperança—acharia, talvez, entre novas sarças ardentes, o decalogo da prophylaxia para compellir-nos pela fé á obediencia do que mais convem á saude e á vida.

AURELIO DE LAVOR

Edifícios Escolares



LYCEU CEARENSE

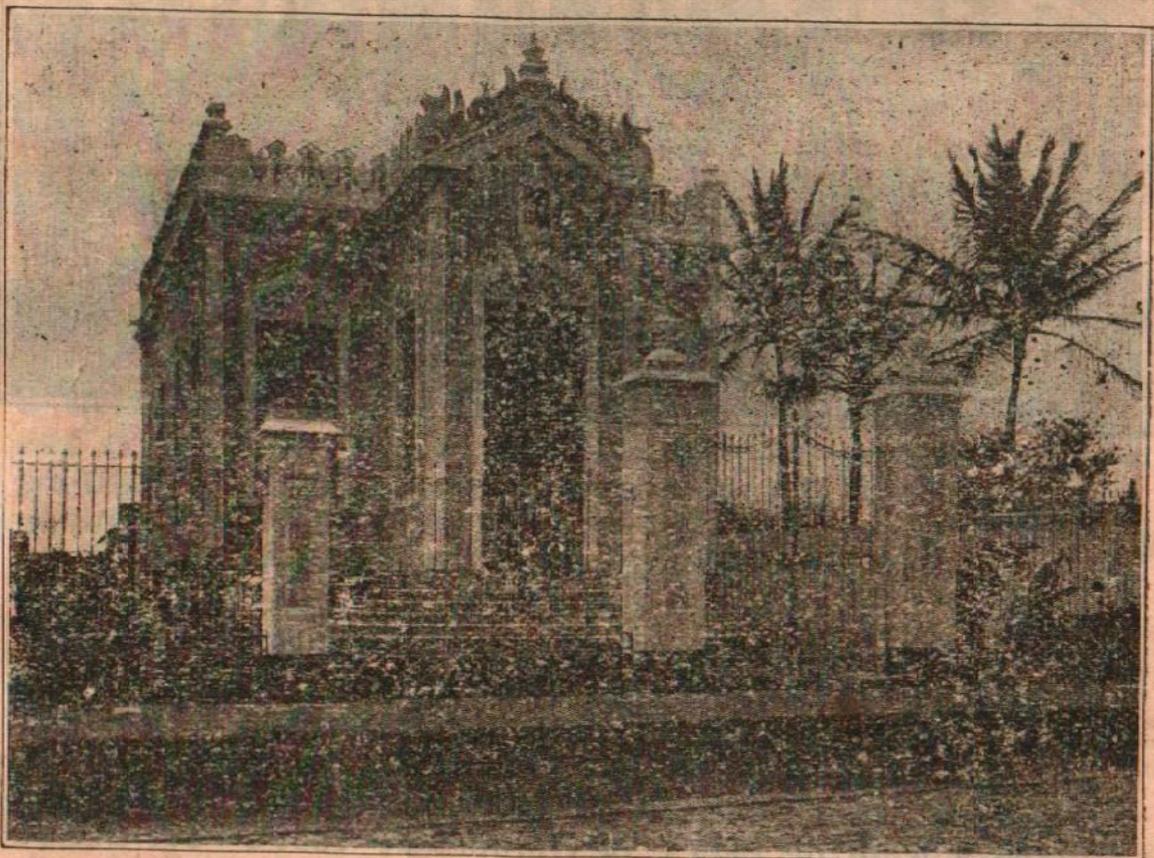
Creado por uma lei provincial, de 15 de Julho de 1844, na administração do Coronel Ignacio Correia de Vasconcellos, foi instalado o Lyceu do Ceará a 19 de Outubro de 1845, sendo o seu primeiro director o Senador Pompeu, de saudosa e honrada memoria, o qual exerceu as funcções desse cargo de Maio de 1845 a Abril de 1849 e de Outubro de 1853 a Fevereiro de 1858.

De sua passagem na direcção do Lyceu deixou luminosos traços esse benemerito cearense e notavel homem de letras.

Merece igualmente ser evocado nestas linhas o nome venerando do fundador do nosso Lyceu, que foi o eminentissimo patriarca Saldanha Marinho, um dos maiores brasileiros e que mais serviços prestaram á sua patria, que collocava acima de todas as affeições.

O Ceará viu realizada uma das suas maiores necessidades com a criação desse estabelecimento de instrução secundaria, que em principio era ministrada, nesta capital, em cadeiras esparsas, sem a arregimentação escolar ou plano qualquer de estudo concatenado.

O Lyceu do Ceará funciona em edificio proprio á Praça dos Voluntarios e acha-se equiparado provisoriamente ao Gymnasio Nacional, de accordo com a reforma Maximiliano. É actual director do Lyceu o Dr. Guilherme Moreira da Rocha, que com inextinguivel zelo vem desempenhando o cargo com que o distinguiu a confiança do governo.



ESCOLA PUBLICA

Boulevard Visconde do Rio Branco, 951. Dirigida pela professora Maria da Silva Freire.

Ensino Technico-Profissional

LIÇÕES DE TYPOGRAPHIA

(Adaptadas ao programma de ensino da Escola de Aprendiz Artífices do Ceará).

II

«As classificações primitivas dos caracteres de imprensa eram puramente accideraes. A maior parte vinham dos nomes dos autores ou dos titulos das obras cuja impressão tinha dado logar ao primeiro emprego desses caracteres; outras de origens hoje desconhecidas».

Essas denominações remontaram, em parte, quasi ao inicio da arte, mas transmittiram-se de tal forma pelo uso, que, em alguma parte, ainda hoje se chamam *S. Agostinho* os typos que têm o *character* uniformemente pronunciado (Ex. **Escola 9**) e *Cicero* o typo commum corpo 12.

Esses dois termos sabemos que advêm do facto de ter sido, o primeiro, o desenho de letra empregado na impressão da obra "Cité du Dieu," publicada cerca de 1468, no convento de Subiaco, em Italia (*), e o segundo, tambem de uma edição, sahida dos mesmo prélos, do grande orador romano Cicero.

Por motivos identicos, a technica typographica possuia ainda: o corpo 8 que se chamava então *Galhardo*; *Philosophia* o corpo 10; *Alfino*, o typo de forma inclinada (hoje conhecido por *grypho* ou *italico*); *Normando*, os caracteres que têm traços grossos com relação aos finos (**Hor 9**); os *egyptios* (**Baturité—Ceará**); os *gothicos* (**Gothico 9**); os *finos* ou *compactos* (**Boiva 8**).

Deste modo avolumava-se o vocabulario dos caracteres de imprensa, havendo, muita vez, discordancia de paiz para paiz, de officina para officina.

Por exemplo, em França, o typo equivalente ao corpo 8, chamava-se *Galhardo*, mas em Portugal tinha o nome *Breviario*; naquelle Paiz o corpo 10 era chamado *Philosophia*, já nesse era conhecido por *Breviario grosso*, finalmente alli nomeavam o corpo 12 de *Cicero*, porém aqui, quero dizer em Portugal, o chamavam *Leitura*.

Esses nomes subsistiram absolutamente, mais ou menos, até cerca de 1837, data em que um habil typographo francez, Fournier, o moço, «sentindo a necessidade de substituir esses nomes,

(*) MANUAL DO TYPOGRAPHO de Libanio da Silva.

devidos ao acaso, por uma nomenclatura regular, expressiva e duradoura, imaginou determinar-lhe os nomes segundo as relações que materialmente entre elles existiam», e o conseguiu levando a effecto o *Ponto typographico*, para o que dividiu o *Cicero* em 12 partes iguaes e deu a cada uma dessas partes a denominação de *ponto* e ao todo a de *corpo*.

D'ahi originou-se o nesso systema de medidas e por consequencia o vocabulario simples com que hoje nomeamos os caractéres.

Em vez de *Breviario* ou *Galhardo*, como queriam naquelle tempo, dizemos hoje simplesmente: *corpo 8 commum* ou *corpo 8 fantasia*, conforme o emprego a que elle se destine.

Typo commum ou *Romano*—é o termo generico com que se nomeiam os caractéres empregados nos textos das obras.

Fantasia—é o termo generico que se dá aos typos proprios para titulos e sub-titulos.

Não obstante a intelligencia e tenacidade de Fournier haverem determinado um dos réquisitos mais indispensaveis para a arte typographica, sob o ponto de vista metrico, não foi bastante preciso para annullar, de vez, o vocabulario antigo, o qual persiste, ainda hoje, pelas necessidades que temos de particularisar os nomes dos typos de um mesmo corpo, mas de diferentes caractéres.

«Collecções completas harmonizando-se com o desenho dos typos antigos e modernos, redondos, goticos e cursivos, todos com o olho maior e menor, fundidos sobre o mesmo alinhamento ou em posição differente, familias inteiras alinhando pelo pé de de forma a evitar justificações difficis, quando se pretenda combinal-as», é tal a bagagem do material de composição que hoje em dia possuímos, que só podemos classificar-o por numero de ordem ou por nomes occasionaes com que queiramos cognominá-los.

Vê-se, portanto, que não é estapafúrdio e nem está fora de norma, o vocabulario eventual que demos aos caractéres de nossa officina e que se acha entre parenthesis na presente lição.

Elle é apenas um auxiliar, um artificio que empregámos e que empregarão todos os directores de officinas, alim de serem bem subentendidos na direcção dos diversos mistéres de sua profissão.

Nem de outra forma poderia ser, porque a tecnologia de nossa arte classifica, apenas, o material de composição de modo geral, como vimos acima. Dá-nos a conhecer o numero de pontos que os typos contêm e bem assim a sua utilidade pratica, esclarecendo-nos dest'arte se elle é *corpo 6*, *10* ou *16*, como tambem, se é *Italico*, *Fantazia* ou *Commum*.

ESCOLAS DE APRENDIZES ARTIFICES NO NORTE DA REPUBLICA

Ao Sr. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio apresentou o seguinte relatorio sobre as escolas visitadas, o Sr. Dr. Paulo Ildefonso d'Assumpção, illustre Director da Escola do Paraná:

«Designado por V. Ex. para inspecionar as Escolas de Aprendizes Artifices do Norte da Republica, e tendo de cada uma dellas transmittido minuciosos relatorios e informes á medida das instrucções recebidas, excepção feita da do Pianhy, não inspecionada por falta de tempo, tenho a honra de completar esse trabalho, apresentando a V. Ex. a exposição conjuncta, relativa ás condições em que encontrei esses utilissimos institutos do Ministerio e dos serviços de remodelação nelles implantados, segundo os desigñios de V. Ex.

Sendo a minha missão demasiado ampla e generica em relação á investigação da capacidade educativa, das condições technicas, da organização interna de cada uma, assim como da competencia, preparo e aptidão professional do pessoal docente, era de prever que me sentisse receioso de não levar a bom termo a minha tarefa, de não poder corresponder aos intuitos de V. Ex., empenhado em incrementar, aperfeiçoar e desenvolver o ensino professional propagado por essas escolas do Ministerio da Agricultura.

Hoje, posso com satisfação repouzar dessa tarefa, após um trabalho de mais de seis mezes, depois de uma digressão que me conduziu do Sul do paiz ao extremo Norte, depois de um esforço incessante de reorganização technica e de remodelação educativa, que me fizeram conhecer e instruir a grande infancia proletaria de todas as capitaes do Norte, que vão até ao Estado do Amazonas.

Na serie de relatorios que tive occasião de organizar e enviar á medida da inspecção de cada escola, poderá V. Ex. ter apreciado os detalhes da organização e installação das escolas percorridas, a capacidade dos seus dirigentes, a aptidão de um por um dos mestres e professores, a efficacia do ensino, a frequencia de alumnos e a actividade productiva, no estado em que fui encontral-as, assim como verá condensada a serie de medidas que foram introduzidas com o fim de melhorar, corrigir e uniformizar o funcionamento de todas ellas.

Diante desse complexo de organização realizada, o Ministerio poderá orgulhar-se de ver solidamente implantada, com a universal sympathia das populações, a util instituição que tanto

beneficia a infancia proletaria dos Estados. E eu posso assegurar que esta inspecção deixou no seio das escolas percorridas a evidente impressão dos resultados alcançados, a manifesta demonstração dos proveitos obtidos, revelados no decidido entusiasmo com que se agitaram as escolas no afan de remodelar e reorganizar seus methodos, seus systemas, suas praxes.

Em geral, conforme por vezes tenho declarado a V. Ex., as escolas de aprendizes artifices se constituíram sob uma acaanhada comprehensão de sua missão educadora, e muitas mantiveram até aqui existencia precaria e sem destaque, limitadas a fornecer pouco ensino tecnico e atrazadissima cultura mental, porque suas officinas prolongavam as praxes das vulgares tendas de trabalho, suas aulas proliferavam as obsoletas formulas didaticas. Era, pois, necessario desempoeirar e arejar o trabalho, dando-lhe methodo, limpeza e polidez; vascolear as classes com espirito novo, insuflando-lhes o ensino analytic; obrigar o mestre a levantar a cabeça da bancada de trabalho para explicar o officio ao aprendiz; fazer o professor intervir no trabalho com a noção clara das cousas, com a resolução das operações de medida e calculo, com o deliameamento rigoroso das proporções e formas.

Assim encaminhados, não são mais, então, aulas e trabalhos isolados, professores e mestres distanciados e incomprehendidos em suas funções, mas, sim, a solidariedade do esforço em prol de um mesmo resultado, a concatenação systematica de exercicios apropriados, desbravando a capacidade e as aptidões do aprendiz.

Embora orientadas por um mesmo regulamento, essas escolas apresentavam, de facto, os mais diversos aspectos, sob o ponto de vista de seu funcionamento interno e de seus methodos de ensino. Desde as suas installações e adaptações, desde a natureza e essencia do ensino, desde a formação e subdivisão de suas classes, até as condições technicas do trabalho officinal, foi necessario tudo investigar e examinar, para poder fornecer a V. Ex. os dados seguros que foram por mim ministrados, ao mesmo tempo que esses serviços eram remodelados com resolução e firmeza.

Os resultados rapidamente se fizeram sentir e as escolas profissionaes inspeccionadas não tardaram a assegurar-se dessa nova orientação, applaudida pelos seus proprios directores.

Por toda a parte foi propagada a reforma do ensino elementar ás classes de aprendizes, estabelecendo-se a cooperação efficaz do ensino analytic em concurso com o trabalho sloydal, creando-se no seio do professorado destas escolas um nucleo de educadores que, se especializando na applicação syste-

matica do ensino intuitivo, derivativo da profissão seguida em cada atelier, preparam, effectivamente, o operario consciente do material que usa e do officio que pratica.

Foi esse o alcance maximo e primordial da reorganização operada dentro da orbita regulamentar. Depois veio a cuidadosa inspecção ao adiantamento de cada alumno, a seriação racional das turmas de aprendizes, especialização das materias de ensino pelos preceptores, a rotação systematica dos professores por todas as series com aproveitamento do tempo e applicação quotidiana dos aprendizes a todas as disciplinas de seu curso, as licções curtas e incisivas, derrocando completamente os prejuizos dos methodos mnemonicos em beneficio do ensino synthetico e intuitivo.

Havia mister, por isso, leccionar em cada escola e em cada disciplina, exemplificando os methodos indicados, e isso foi feito sob os applausos dos professores de todos os estabelecimentos visitados.

Depois, as officinas, sua organização, seu trabalho, seu material, suas installações, seus artefactos...

Desejamos o mestre homem de ensino e, não, sómente, homem de trabalho.

Pois bem, examinando-lhes a competencia profissional, faltava-lhes, no geral, a qualidade essencial para o educador, a competencia professoral, a acompanhar a preparação do artifice. Não conviria desprezal-os, na previsão de profissionaes que não se encontram com facilidade, antes seria mais justo abrir-lhes o caminho seguro para a aquisição dos conhecimentos que então lhes faltavam, e essa tarefa não foi difficil, suggerindo-lhes os recursos nos próprios institutos.

Ainda, neste ponto, lhes vão valer os recursos do professorado das proprias escolas, preparado e aparelhado no conhecimento da tecnologia dos officios, na universalidade das classificações naturaes, nas elementares theorias das ciencias, na pratica do calculo, no traçado da fórma e das combinações lineares.

Abria-se, assim, uma percepção nova ao ensino profissional, e uma cooperação sympathica na vida intima destas escolas, organizadas em conjuncto harmonico.

Mais ainda, o aprendiz, objecto principal e exclusivo destas organizações, começava a ser considerado diversamente do que até então. Era mister encarar, a um tempo, o problema de sua preparação technica, de sua cultura mental e de sua educação moral. Não era mais o eventual aprendiz de um officio, que deveria seguir o desenvolvimento lento de uma pratica servil no trabalho, mas o educando cuja intelli-

gencia era solicitada para uma applicação utilitaria, e, nesse sentido, mister se tornava, despertar-lhe no animo, com carinho, a confiante visão do trabalho elevado pelo estudo, fazendo-lhe a consciencia fortalecida pelo conhecimento positivo das cousas, a razão illuminada pela luz do raciocinio.

E esse grande ideal, revelado com directa demonstração quotidiana, accendeu o salutar estimulo no seio das corporações que então percorri.

Não olvidarei, járnais, as horas passadas nas escolas da Bahia, Aracajú, Maceió, Recife, Parahyba, Natal, Fortaleza, S. Luiz do Maranhão e Belém do Pará. Nellas, encontrando o espirito lucido de um professorado intelligente, pude rapidamente colher a impressão dos resultados alcançados com limitado esforço.

Se bem que o regulamento destas escolas attribua a esses cursos uma função secundaria no regimem do ensino profissional, commettendo toda a importancia ao aprendizado das officinas, eu tenho, desde a criação destes institutos, pensado que justamente elles apresentam a base e a essencia da cultura infantil encaminhada para as profissões operarias. A inicial preparação no curso de desenho, os conhecimentos de mathematicas, a pratica dos materiaes na vasta applicação das obras, o conhecimento dos estylos, a educação do gosto e o sentimento da ordem, só ahi, de facto, poderão ser adquiridos.

A organização disciplinar dos nossos institutos foi, tambem, objecto de meu especial carinho.

Considero como essencial não somente desembrutecer o entendimento e a razão, mas, tambem, corrigir e educar o physico e a estrutura, se é nossa missão essa obra de prophylaxia social, sancando o corpo e a mente aos jovens organismos que nos são confiados, oriundos, quasi sempre, das mais imperfeitas camadas da sociedade.

Alem disso, a destreza no trabalho só poderá ser atingida com a observancia da boa hygiene corporal, com a justeza dos movimentos, e a applicação racional dos musculos em função com o cerebro.

O espirito de ordem, formação e symetria virá facilitar a preparação do operario, educando o golpe de vista, o sentimento visual das posições, das relações das linhas e dos planos, a correlação das fórmãs, creando-lhe a universal percepção do perfeito.

E' um facto que devo tornar bem accentuado, conforme tive occasião de affirmar a V. Ex., a impressão que me produziu a geral capacidade dos menores que frequentam estas es-

colas, não podendo eu descobrir a menor preponderancia nas inclinações educativas dos filhos deste ou daquelle Estado, como se fossem sempre os mesmos aprendizes que tinha diante os meus olhos, do Sul ao Norte do paiz.

E' essa tambem uma circumstancia que demonstra o merito desta grande obra educadora e a necessidade de incrementar essa geral tendencia, acautelando o ensino de modo a tornal-o attrahente e efficaz, pela constante novidade dos methodos, em face do evoluir do pensamento humano.

E nas escolas que inspeccionei, o meu esforço foi sempre revelar aos mestres e professores a multiplicidade dos conhecimentos espontaneos da criança, cujo pensamento vôa além das cartilhas rotineiras da velha escola, pedindo apenas o esforço racional de concatenação, applicado com naturalidade de observação por parte do educador.

Quer se trate dos exercicios sloydas suecos, quer se trate do ensino do desenho, ou das materias de instrucção primaria, necessarias á formação do artifice, tal methodo surprehende pela evidente percepção infantil e pelo avanço de sua preparação inicial.

Quasi todas as escolas percorridas, conforme consta dos meus relatorios transmittidos a V. Ex., se encontram em excellentes condições de installação, dispondo de espaçosos edificios, uns cedidos pelos respectivos Estados, outros do patrimonio nacional.

As escolas de Alagoas, Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte e Maranhão, dispõem de grandes edificações, com amplas accomodações, propicias ao maximo desenvolvimento destes institutos. Agora mesmo as escolas do Pará e Amazonas acabam de ser contempladas pelos governos locais com amplos edificios, dignos do desenvolvimento das duas opulentas capitães do Norte.

Mais modesta, a Escola de Sergipe, ainda assim possui amplas officinas, se bem que necessitem ser ampliadas as suas aulas. As da Bahia e Pernambuco não satisfazem, entretanto, as condições necessarias e não estão na altura das capitães em que funcionam. A do Espirito Santo igualmente necessita ser dotada de predio conveniente.

Não resta duvida, conforme expuz a V. Ex., que dentre as escolas visitadas mais se destacava a de Sergipe, pela orientação dada ao ensino das officinas, no-

tando-se a concentração acurada dos aprendizes ao methodo sloydal, comprovando cada alumno o desenvolvimento individual de suas aptidões pela consciencia da sua obra. Pouco distanciadas, neste mistér, se apresentavam empenhadas tambem no preparo do aprendiz pelo exercicio do trabalho manual, as escolas da Parahyba, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte.

Ha estabelecimentos que entusiasmam pelo esforço operado em suas adaptações, dentro das verbas de commum custeio. Assim, as escolas de Sergipe, Alagoas, Parahyba, Ceará e Maranhão.

Em relação ao aparelhamento mecanico de suas installações de trabalho, destaca-se a escola do Ceará, montada tambem com esforço proprio, com o pessoal da escola. Do mesmo modo estão bem aparelhadas as escolas de Alagoas e Maranhão.

Quanto aos utensilios de trabalho, ha escolas que nos seis annos decorridos accumularam valioso cabedal em ferramentas de trabalho manual e machinas auxiliares, outras que pouco fizeram e que de muito necessitam, como bem detalhadamente tive ensejo de expor a V. Ex.

São estas as linhas geraes que me guiaram na inspecção ordenada por V. Ex. E, em conclusão, peço venia para repetir a V. Ex. o que disse encerrando o meu ultimo relatorio: o Ministerio, portanto, pode e deve uniformizar esse ensino do Sul ao Norte do paiz, sem receio de que as condições regionaes possam se expor a uma commum applicação de preceitos. A experiencia está feita, a prova foi tirada. E' a inducção colhida na paciente observação de longos mezes. Que este trabalho não fique perdido, que esta oportunidade não seja desprezada.

O Ministerio poderá dictar os mesmos programmas, os mesmos horarios, o mesmo regimen, os mesmos processos, as mesmas lições, as mesmas gradações technicas por todas as escolas da União.

Saúde e fraternidade.

PAULO ILDEFONSO DE ASSUMPÇÃO

Director da Escola do Paraná, em commissão de inspecção do Ministerio da Agricultura.»

Assumptos Diversos

A VERDADEIRA ACCÃO CONTRA O ANALPHABETISMO

Não somos dos que formam ao lado dos descrentes e pessimistas, sempre dispostos a matar a golpes de ridiculo, á falta de outra arma, qualquer iniciativa elevada que tenha por fim o bem publico. Não atinamos por que envez de incentivos e applausos, encontrem esses nobres tentames certa opposição que não deixa de ter effeitos prejudiciaes, apagando nos corações juvenis o fogo sagrado do enthusiasmo.

Se da propaganda de um ideal só nos poderão vir beneficios qualquer que seja o periodo de sua duração, é um erro vir de encontro a esse movimento cuja vida e bom exito dependem tão somente do apoio que lhe prestar a sociedade. E é desta natureza a propaganda da *Liga contra o Analphabetismo*; porque dure embora um lustre, um anno, um mez, ella ha de deixar, por força, alguma cousa de util; mal algum é que não nos trará por haver tentado chamar á luz os cegos.

É, pois, de estímulo e boa orientação que precisam os propagandistas, de cujas intenções não podemos duvidar sem lhes fazer grave injustiça.

Não é, porem, dessa propaganda que devemos esperar os melhores effeitos contra o analphabetismo, por isto que seus paladinos, não dispondo de outro meio que não seja a força de vontade de fazer o bem, já terão alcançado muito, quando conseguirem despertár o amor do pèvo, aprontando-lhe o caminho da Escola.

A propaganda é utilissima, indispensavel mesmo, mas a verdadeira accção contra o analphabetismo, somente o governo poderá exercer de modo efficaz, im-

primindo-lhe a actividade, a energia e perseverança necessaria ao trabalho intensivo com que devemos dar combate a esse grande mal.

Cumpra a Liga o seu programma sem desfallecimento e o governo do Estado prepare-se para enfrentar seriamente o difficilissimo problema da instrucção primaria, collocando as suas quatrocentas escolas em condições de offerecerem os resultados que dellas deveriamos esperar.

Ahi é que está a difficuldade. Professoras bem ou mal preparadas temos de sóbra; mas, escolas organizadas como deveriam ser, temos poucas ou nenhuma: quase todas funcionam em casas improprias para tal fim, e muitas ha sem o mobiliario indispensavel!

Conhecemos escolas em cujo mobiliario, da peor especie, notam-se banquinhos feitos de caixas de sabão, á custa talvez das proprias professoras; outras em que se encontram cadeiras, tamboretos e outros assentos trazidos pelos proprios alumnos; e isto ainda não é tudo, pois sabemos que algumas professoras não encontrariam nem a sua banca de escola se alguém não lh'a emprestasse.

Em verdade, na instrucção publica do Ceará, tudo se acha por fazer, a começar pela nossa Escola Normal que não se acha aparelhada á altura de sua importante missão; e deve merecer attenção especial do governo a inspecção do ensino em geral, que é quase nulla da maneira por que tem sido feita.

Conforme a nossa lei do orçamento para o corrente anno, a verba destinada ás escolas primarias, é de 555.633\$998. Esta quantia não é pequena e representa um grande esforço para o Ceará; os resultados, entretanto, estão muito longe de corresponder aos sacrificios dos contribuintes.

Qual o numero de alumnos apresentados a exame final pela totalidade das escolas primarias no fim de cada anno? Ninguém sabe. Não ha entre nós estatis-

tica escolar que mereça fé, e assim ficamos na ignorancia de cousas curiosas e interessantes, como seria sabermos quanto custa aos cofres publicos o preparo de um alumno que completa o curso primario em nossas escolas, dividindo-se a despesa pelo numero dos diplomados.

Não culpamos por isto as nossas professoras, senão aos governos que, não lhes fornecendo os meios efficientes de ensino, deixam-nas em plena liberdade de preguiçar. Sem casas apropriadas para escolas, sem mobiliario, sem livros, sem o conforto necessario, sem a vigilancia e cuidado dos inspectores escolares, a mór parte das professoras, quando não são martyres dos deveres de sua ingrata profissão, tornam-se negligentes, descuidadas, e terminam por abandonar a escola pelos encantos do lar.

Tudo isto é de véras lastimavel, mas devemos confiar na acção do actual governo.

ALCIDES MONTANO

EVOLUÇÃO DO ENSINO PRIMARIO NO CEARÁ

INTRODUCCÃO

Origem das escolas populares. Grecia. A pedagogia de Platão, Xenophonte e Aristoteles. Roma. O ensino nas escolas. Decadencia da instrucção geral. Os barbaros e o christianismo. Extincção do ensino e das letras profanas. O crepusculo da sciencia. Ignorancia européa do seculo V ao XII. O clero e os leigos. As escolas ecclesiasticas nas cathedraes e nos conventos.

Portugal no dominio dos primeiros reis. Sua situação interna e externa. Guerra e ignorancia geral.

Primeira renascença em França com Carlos Magno. Inicio das escolas. Sua extincção no regimen feudal. Segunda renascença na Italia. Creação das

universidades. Repercussão em Portugal no reinado de D. Diniz. Creação da universidade de Lisboa e sua transferencia para Coimbra.

Marcha lenta do ensino popular até a Reforma Religiosa. Lutero e a nova phase. Diffusão do ensino primario nos paizes protestantes, relutancia dos paizes catholicos. Os jesuitas.

Surpreheñde a quem estuda o desenvolvimento progressivo da instrucção popular a sua relativa contemporaneidade. Custa-se a crer que uma instituição, cujas raizes parecem antiquissimas, começasse a se aprofundar no Brazil, solidamente, ha apenas uns oitenta annos.

O lustre das civilizações grego-romanas, faz suppor que os meios de instrucção, como integrante da educação politica, foram larga e prodigamente liberalizados naquella epoca pelo poder publico.

A vida activa da democracia atheniense e dos comicios romanos obrigava o cidadão a conhecer os seus direitos e a deliberar nos negocios publicos com o pleno conhecimento das leis nacionaes.

O numero de cidadãos, porem, foi sempre mui limitado nas epocas de esplendor de Athenas e de Roma.

Platão, Xenophonte e Aristoteles, que nos transmittiram idéas e informações sobre a educação de seu tempo, não se referem senão accidentalmente á instrucção popular, que recebiam os seus concidadãos.

Na *Republica* e nas *Leis*, que Compayré chama "verdadeiros tratados de educação" o philosopho fino e aristocrata, que era Platão, traça lineamentos de uma pedagogia destinada a formar homens virtuosos e cidadãos uteis á patria.

Como psychologo, percebera desde logo a influencia que a primeira educação exerce na formação da alma juvenil; e do proveito que dah resulta para formação do character. "Os começos são tudo nas naturezas jovens e tenras, cujas partes na sua totalidade conservam o cunho que se lhes imprime" (1).

Dividindo os cidadãos em tres classes, elle graduava os conhecimentos a se lhes dar, segundo as necessidades do Estado. Os trabalhadores e artistas deviam apenas aprender o officio; os guerreiros—a gymnastica e a musica; os magistrados—a philosophia.

1) Platão—*Republica*—liv. II, c. 17.

O povo propriamente, composto dos cidadãos que podiam tomar parte no *Agora*, mal recebia dos pedagogos o conhecimento das primeiras letras, salvo os filhos de familias ricas que possuíam escravos letrados ou professores destinados a educal-os.

A aprendizagem da musica era essencial á carreira politica. "Não se poderá tocar nas regras da musica sem abalar as leis fundamentaes do Estado" dizia Platão. Para cumprir os deveres religiosos era mister saber cantar. «A vida era de certa forma dansada e cantanda. As proprias leis eram promulgadas por canto» (2).

As doutrinas platonicas peccam pela carencia de senso pratico.

Xenophonte, mais realista, foi um feminista prematuro; esboça na *Economica* um curso de pedagogia feminil, attribuindo ao marido da joven desposada o papel de educador.

As suas recommendações são interessantes, senão deliciosas, por nos desvendarem o quadro ideal da vida familiar por elle imaginado. Na *Cyropedia*, porem, influenciado pelos costumes espartanos, ensina o modo de formar guerreiros, exaltando a arte militar como primordial num Estado.

Aristoteles assenta sua pedagogia nas phases do desenvolvimento humano, que elle classifica em tres grãos: 1.º a vida physica, cujo fortalecimento e saúde deve preceder a do instincto (2.º grão), que por sua vez leva á razão (3.º grão). "Na educação deve ser tudo disposto em vista dos trabalhos que esperam o homem.

Os proprios jogos infantis esboçarão os exercicios a que elle se tem de entregar em idade mais avançada" (3).

Aos 5 annos somente a criança irá á escola, para assistir simplesmente as lições, sem tomar parte nellas.

Aristoteles declara-se pela educação publica e commum, censurando o que então se praticava em algumas cidades gregas, nas quaes a educação estava confiada á discreção das familias.

Como Platão e Xenophonte a educação, preconizada pelo grande philosopho, tendia a segregar o homem da familia e entregal-o completamente ao Estado, senhor absoluto de todos e de tudo.

(2) Compayré — *Hist. crit. des doct. de l'éducat.* vol. I pag. 21.

(3) Aristoteles — *Politica*, liv. 4, cap. 1.º.

Seja como fôr, a instrução elementar aproveitava apenas a uma parte mui limitada da população, aos cidadãos em geral, e aos escravos destinados ao professorado. Aquelles representavam menos da vigesima parte dos habitantes de Athenas, supposto que quasi todos soubessem ler e escrever.

Em Roma a educação não foi, como na Grecia, regulada pela legislação. As leis das Doze Taboas nada prescrevem nesse sentido.

As primeiras escolas, que nellas se abriram, datam dos ultimos annos do terceiro seculo antes de Christo (4). A criança aprendia de cór a lei das Doze Taboas e a ler nos codigos nacionaes; mas, como na Grecia, os exercicios physicos occupavam o primeiro logar, e o numero propriamente de cidadãos, homens livres, era insignificante relativamente á população total.

Na maior parte das familias o ensino era dado pelos escravos, muitos dos quaes letrados, de origem grega, e nem sempre os melhores, porque como observa Plutarco : se os senhores possuem bons servos fazem-nos trabalhadores de suas terras, a outros cobradores ou banqueiros, mas se entre elles encontram bebedos e inuteis para serviços bons fazem-nos educadores dos filhos (5).

Plutarco foi porventura o unico pensador de seu tempo que proclamou a necessidade de espertar a intelligencia do aprendiz afim de conseguir, pelo raciocinio e esforços pessoaes, discernir a verdade. «A alma, dizia elle, não é vaso que se deva encher, e sim um fôco que precisa ser aquecido.

Tudo isto, porem, dispersou-se com a invasão dos barbaros no occidente ou mais acertadamente desde que o Imperio romano cahio na anarchia militar, dominada por estrangeiros que não presavam a lingua romana.

A subversão causada pela invasão das hordas barbaras no Imperio romano, desagregou os laços da vida politica, reduziu as populações existentes á miseria, obrigando-as a trabalhos simplesmente manuaes para haverem os meios de subsistencia. A vida intellectual sobreviveo apenas aqui e alli, nas cidades não occupadas pelos conquistadores até o seculo V, quando já o Imperio retalhado pelos reis barbaros fraccionara-se em pequenos Estados dominados pela força.

No christianismo, já então dominante no Oriente e em alguns dos novos Estados, iam se extinguindo as

[4] Compayré — *ob. cit.* — V. I. pag. 36.

[5] Plutarco — *Da educação dos filhos.*

vozes que **diffundiam** as letras classicas, os Padres da Igreja, educados nas escolas profanas gregas e romanas, e que tanto brilho lançaram nos primeiros seculos christãos, haviam desaparecido; apenas um ou outro recordava essa epoca tão depressa olvidada.

S. Basilio representa o ultimo desses letrados semi-profanos. Depois d'elle nenhum outro preconisa «a frequencia dos poetas, historiadores e oradores classicos; e os livros profanos deixaram de ser para os sagrados, na linguagem figurada deste doutor da Igreja, o que a folhagem da arvore é para os fructos, que os precede, os cobre e lhes serve de ornamento».

«Ouvi dizer, escreve S. Basilio, que as poesias de Homero inspiravam o amor da virtude».

Esta admiração pelos escriptores profanos ia emudecer por muitos seculos. «Nos primeiros tempos vio-se sobre o alicerce, laboriosamente erguido pela philosophia, o sopro de Platão animar a Igreja christã; mas á proporção que nos afastamos desse fóco de luzes mais se adensam as sombras. O século V é o crepusculo, o X a noite fechada!» (6).

As vozes de S. Basilio, de S. Gregorio de Nazianza e de S. João Chrysostomo extinguiram-se para dominarem as de S. Athanazio e S. Agostinho, o mais profundo metaphysico da Igreja christã, e o que maior e mais duradora influencia exerceo na sua doutrina.

Por sua inspiração o concilio de Carthago prohibira aos bispos a leitura dos autores profanos (7). Guerrear a curiosidade era a seus olhos (de S. Agostinho) a principal função do episcopado, segundo a observação de Compayré.

«Desde então, é forçoso confessal-o, tudo mudou: noite profunda cobrio a humanidade. Progredia a fé, porque o christianismo dilatava continuamente as suas conquistas e recrutava novas almas para a vida eterna; mas decahia tudo o mais, e as letras attingiam o maximo discredito» (8).

Como que obedientes á voz de S. Agostinho já no V século «os moços não estudavam, os professores não tiham discipulos e a sciencia estertorava nas vascas da morte», segundo o testemunho de Sidonio Apollinario.

6) Larousse—*dicc. univers.*, palavra *education*.

7) O quarto concilio o Carthago (em 389) prohibio aos bispos a leitura dos livros profanos. S. Jeronymo condemna expressamente aquelles que os lerem. Todas as sciencias phisicas incorreram na reprobção da igreja como incompativeis com as verdades reveladas [Hallam—*L'Europe au Moyen âge*—vol. IV—p. 74]; Compayré—*ob. cit.*—Vol. I, pag. 55.

8) Compayré—*Ibid.* V. I, p. 51.

A unica tentativa feita para sacudir o pezado jugo da ignorancia abrolhara com o imperador Carlos Magno, no seculo IX. A sua iniciativa manifestou-se por tres modos principaes: 1.º pelo exemplo que deu estudando o latim, o grego; 2.º pelas circulares instantes e imperativas que dirigio aos bispos; 3.º pela organização da *escola de palacio*, que o acompanhava por toda parte e da qual eram alumnos seus filhos e filhas (9).

Em uma das suas capitulares ordena: «que os padres chamem para as escolas não só os meninos servos, como os filhos dos homens livres».

Como a recommendação do papa Gregorio IX aos parochos de abrirem escolas, nas suas parochias, os bons desejos do imperador não passaram de ensaios mais favoraveis aos estudos theologicos do que ao primario.

As escolas abertas por sua ordem fecharam-se no tempo do feudalismo, e durante mil annos, accrescenta Laveleye, a Igreja dispensou mingudissimos esforços para abri-las (10).

Poucos annos depois da morte de Carlos Magno, um escriptor, do tempo de Carlos o Calvo, declara que o estudo das letras era quasi nenhum (Loup de Ferrières).

As trevas adensavam-se á medida que o Christianismo extendia o seu dominio.

No decimo seculo e no seguinte o mal agrava-se sob a influencia do feudalismo. Guerra incessante açambarcava as forças vivas das nações. Os proprios prelados envergavam as armaduras do soldado (11).

A ignorancia dominava todas as classes sociaes. A dos ecclesiasticos era tão profunda que, segundo o testemunho de Adalberão, bispo de Laon: «mais de um bispo sabia apenas contar pelos dedos as letras do alphabeto» (12). Quanto aos senhores e nobres preferiam cruzar espadas á garatujar pergaminhos. Raro era o plebeu que sabia ler e escrever (13).

Realisava-se assim o sonho de S. Jeronyno, ao confundir a ignorancia com a santidade. A vã sciencia humana, da qual S. Agostinho se apiedava—*Indocti surgunt*

9) Compayré—Ob. cit. V. I, p. 55.

10) Laveleye—*L'Instruct. du peuple*—pag. 12.
J. Simon—*L'École*—pag. 22.

11) Thery—*Hist. de educat. en France*—t. I, p. 222.

12) Compayré—*obra cit.* I p. 52.

13) En aquelles tiempos eram los bispos los primeros capitanes de los exercitos. Ortiz—*Compendio*, t. III, p. 189. Los prelados habian sido siempre los primeros no solo en promover la guerra contra Moros. *Ibid*—t. V p. 307.

et rapiunt caelum—havia desaparecido; e Gregório o Grande, no sexto século, podia gabar-se dos solecismos e barbarismos que lhe escapavam. “Envergonhar-me-ia, dizia este papa, submeter ás regras da grammatica as palavras do oraculo divino.” Não se contentava com dizel-o, ia ao extremo de censurar os bispos de Vienna por ensinar grammatica na escola da cathedral.

Pode admittir-se com Hallam que «toda a face da Egreja estava velada por nuvem de ignorancia de que apenas podemos fazer idea. A' espaços luziam clarões vacilantes, que só se distinguíam pela escuridão que os rodeava.... Na França a ignorancia tocou a meta no começo do século oitavo, na Inglaterra e na Italia no nono (14).

O arcebispo de Reims—Herivée—felicitava-se por ter preservado sua alma de estudos; e o proprio autor, tão humilde, da *Imitação de Christo*, ensinava que para se agradar a Deus era mister ser ignorante—*oportet fieri stultam* (15).

Na propria Roma, refere Tiraboschi, encontrava-se apenas uma pessoa que em 992 conhecia os primeiros elementos das letras (16).

Jortin assegura que grande parte dos bispos que tomaram parte nos concilios geraes de Epheso e da Calcedonia não sabiam assignar seus nomes (17).

Em mil padres, diz por sua vez o historiador inglez Hallam não havia, no tempo de Carlos Magno, na Espanha um que soubesse escrever uma simples carta de saudação (18).

Se do clero passarmos aos governantes, nos quaes se deve presumir conhecimento da legislação e das cousas nacionaes, a ignorancia era ainda mais pronunciada. Muitos reis e imperadores foram analphabetos; Theodorico, o mais celebre rei ostrogardo da Italia não sabia assignar seu nome, e prohibiu que os seus compatriotas frequentassem as escolas que elle proprio ou antes o seu ministro Cassiodoro havia criado (19). O imperador Frederico Barbaroxa não sabia sequer ler (20). O rei João da Bohemia, no meiado do século 14, tambem não sabia ler (21). Dos primeiros reis de Portugal não se encontram documentos nos ar-

14] Hallam—*L'Europe au moy. âge*—V. 4—p. 5.

15] Compayré—*ob. cit.*—t. 1, p. 23.

16] Tiraboschi—*Storia della Letteratura*—t. 3. Muratori—*Dissert.*

43. Hallam—*obra cit.*, p. 95.

17] Mosheim *Remarks on Eccles. Hist.*, t. 2 p. 417.

18] Hallam *Ob. cit.*, V. 4, p. 99.

19] Hallam—*Ob. cit.*, V. 4, p. 77.

20] Stranvins—*Corpus hist. german.*, t. 1, p. 377.

21] Hallam—*cit.*, 4, pag. 93.

chivos publicos, que atestem que elles sabiam escrever. O proprio Carlos Magno lia, mas não sabia escrever (22).

Se a ignorancia era tão profunda nas nações mais ricas da Europa em que condições intellectuaes se acharia então Portugal, libertado parcialmente do dominio arabe ao constituir-se reino independente?

Responde D. Antonio da Costa na sua interessante *Historia da instrucção popular em Portugal*: “Em instrucção nacional não havia porque se pensasse, porquanto no interior, a nova monarchia tinha o seu complemento dependente da guerra, e no exterior o estado do mundo, no seculo XI, era a ignorancia, embora se estivesse já bosquejando a linha divisoria entre a primeira metade da idade media, que servira de esteio á sociedade moribunda, e a segunda metade, que traria com as universidades uma era nova (23).

Quasi valor algum tinha então a instrucção, nenhum serviço podia prestar, «a politica interna consistia principalmente na guerra contra os infieis, e por missão exclusiva tomaram os portuguezes dos primeiros reinados a conquista, palmo a palmo, dos terrenos que deviam inteirar o reino. A historia nacional era o campo da batalha.

“Como o estado politico, as condições sociaes não excitavam ao pensamento da instrucção. A agricultura jazia em grande atrazo; em quasi marasmo as relações industriaes e mercantis. As pendencias decidia-as o juizo dos homens bons com processo simplesmente verbal. O direito só se applicava pela memoria e pelo uso. Os proprios contractos, num dos primeiros elementos, senão o primeiro da vida civil, dispensavam as assignaturas dos contrahentes e das testemunhas. Eram todas de cruz.

“A lingua não figurava como difficuldade menor para o desenvolvimento da instrucção. A lingua falada pelo povo (o antigo romance) divergia da lingua escripta nos documentos, que era o latim corrupto. Só uma operação successiva pôde fundir esta dualidade numa lingua commum e nacional, facilitando o ensino (D. Ant. da Costa—ob. cit. p. 8).

A ignorancia estava tão generalizada que se contraverte ainda, se a falta das assignaturas dos cinco primeiros reis de Por-

22) Sismondi—tomo 5, p. 205. Hallam.—ob. cit.—V. 4, p. 94.

23) *Obra cit.*—p. 7

tugal no archivo nacional era motivada por não saberem elles escrever ou de se reputar indigno que os reis firmassem as suas ordens pela maça da espada, verdadeira penna do guerreiro (*Ibid.* p. 9).

«Se pedirmos o testemunho á nobreza, ajuizaremos do começo da monarchia, vendo que ainda trez seculos depois as cortes impetravam ao rei que mandasse ensinar grammatica á nobreza...

“Se formos pe lir ao clero secular, dizem-nos os documentos deste primeiro periodo e ainda os do seguinte, que havia conegos e priores que deixavam de assignar esses documentos por não saberem (24). O arcebispo de Braga, annos antes, tinha de dispensar a favor dos parochos analphabetos. Esta ignorancia provinha da falta dos livros elementares, da falta de professores, e da negligencia dos proprios ecclesiasticos (25).

A falta de livros era, sobretudo, difficil de ser supprida depois que se estancara a importação de papyros do Egypto com a conquista dos Arabes, no seculo VII.

Desta epoca em diante, até o fim do seculo X, quando parece haver sido introduzida a arte de fazer papel de trapos, não existia substancia propria para escripta senão o pergamiuho, de custo muito elevado para ser facilmente applicado aos usos literarios. (26).

Durante o dominio arabe Portugal possuio conventos e egrejas, embora estivessem muitos privados de seus pastores. A primitiva intolerancia musulmana, da epoca da conquista, succedera, senão anpla tolerancia, ao menos certo arrefecimento e zelo religioso compativel com o exercicio do credo christão. Os mosteiros, por elles respeitados, não ministravam o ensino, exceptuando o de Lorvão (27), quando já por esse tempo as unicas escolas elementares, existentes na Europa funcionavam nos conventos e egrejas cathedraes.

Ao fundar o reino deparara-se á D. Affonso Henrique sacerdotes seculares tão ignorantes, que os bispos, ainda no meado do seculo XI, lhes impunham a obrigação de saberem o evangelho e os livros rituaes (28), contrastando com

24) No cartorio do mosteiro da Serra do Pouto ahava-se um prazo, no fim do qual, dando-se como testemunhas varios conegos e o proprio capellão do mosteiro que declaravam não assignar por não saberem, concluia o prior notificando que escrevera o prazo por sua mão “porquanto ao presente não havia alli ninguem que soubesse escrever”—em 1467. D. Ant. da Costa—*ob. cit.*—pag. 10.

25) D. Antonio da Costa—*Ob. cit.* pag. 11.

26) Hallam—*Ob. cit.*—V. 4, pag. 97.

27) D. A. da Costa—*Ob. cit.* pag. 6.

28) Alexandre Herculano—*Hist. de Port.* Vol. 3, pag. 1.

os ecclesiasticos regulares dos mosteiros, que logo depois iniciavam a instrucção popular com o auxilio do elemento official consistente em dadivas reaes, privilegios e alcavalas.

“Os mosteiros e as cathedraes, diz A. da Costa, foram as unicas escolas em que a nação encontrou os primeiros elementos de sua instrucção, e honra seja desde essa quadra iniciada á cidade de Coimbra, onde tendo o conde Sisnando instituido em 1073 um seminario, teve tambem desde os primeiros dias da monarchia, no mosteiro de Santa Cruz, o ensino das humanidades, de theologia e medicina” (29). Não era propriamente um ensino popular, ao alcance de todos, mas particularmente destinado á formação de clerigos. “Até a propria medicina não só era aprendida pelos ecclesiasticos, mas só por elles exercida durante o primeiro periodo dos reis Affonsinos, entreluzendo entre medicos de maior fama D. Martinho, bispo da Guarda, na qualidade de facultativo d’el-rei D. Diniz, antes d’elle Pedro Julião (papa João XXI) e outros.

“Ainda outras razões, complementares, provam que o ensino não era para seculares. Carreiras civis, quasi que as não havia; a estrada ecclesiastica era a unica verdadeiramente larga e desassombraida. Por ella é que tomavam os que sentiam em si o impulso do talento e a vocação do trabalho intellectual.

A carreira da igreja attrahia os pensadores; e só a igreja, só os mosteiros se iam opulentando com as magnificas livrarias. O clero era o primeiro braço da representação nacional; os ecclesiasticos subiam a priores, abbades geraes, bispos, arcebispos e até a embaixadores” (30).

Que importava, prosegue o escriptor portuguez, que no seculo IX Carlos Magno, de cuja iustrucção primaria ha fundamentos para duvidar, ordenasse o estabelecimento, nos mosteiros, de escolas para creanças? Que importava que o papa Gregorio IX estatuisse que em todas as freguezias da christandade o parcho estivesse acompanhado de um clerigo que se encarregasse do ensino elementar? Os primeiros que necessitavam do ensino, em grande numero de casos, eram o proprio parcho e o proprio clerigo (31).

(Continúa).

TH. POMPEO

29) D. A. da Costa — *obr. cit.* pag. 14.

30) D. A. da Costa — *Ibid.* — pag. 18.

31) D. Ant. da Costa — *Ob. cit.* — pag. 19.

O ESTUDO DO GREGO

A Grecia antiga foi, em todos os tempos, o paiz que tem exercido influencia mais accentuada no progresso dos povos europeus, que a tiveram como uma de suas ancestraes, em sua genealogia historica.

E, embora pela distancia secular, que nos separa da epocha de seu fastigio, essa influencia possa ser contestada por escassez de exame, nem por isso é e la menos real, sobresahindo com evidencia, bastante notoria, desde que se faça um estudo reflectido, quer sobre a sua historia, quer sobre a sciencia, a poesia e a arte desse vetusto povo, incontestavelmente o mais illustre e sympathico que a historia da civilização aponta.

Desde epochas mui remotas, a Grecia começou a sobresahir no gremio das nações antigas, como patria de pensadores profundos e artistas sublimes, exaltando-se insensivelmente como soberana e arbitra suprema em questões de saber e gosto, isto pela profundidade de seus philosophos, pela originalidade de seus poetas e nitida comprehensão da beleza, que distinguia os seus artistas.

Assim, mesmo quando ella começava a declinar sob o ponto de vista politico e até depois que se familiara á condição de provincia romana, a Grecia continuou a manter esse prestigio e era nas escolas, ou no convivio com os seus philosophos ou com os seus architectos e estatuarios, que os mancebos opulentos do patriado romano, o qual então dominava com insulencia até ás mais remotas regiões do mundo então conhecido, vinham abeberar-se em conhecimentos scientificos proveitosos, ou iniciar-se nos segredos de sua arte encantadora e jamais excedida.

E essa supremacia intellectual, a Grecia antiga tem sustentado atravez dos seculos, devido ao phenomeno, unico na historia da humanidade, de ter ella antecipado por muitos seculos o seu evoluir em civilização.

Assim, a velha Grecia é ainda hoje o pharol a illuminar os povos modernos, apontando-lhes ideias elevadas e norteando-lhes a rota para a sua consecução. pois é nossa opinião que a felicidade social de nossos dias, derivada da consciencia da dignidade pessoal, que é hoje attributo geral; emanada de uma moral mais firme e admittida como necessidade particular e politica; decorrente da pluralisação de sentimentos altruisticos, bem como do amor ao nosso semelhante, do respeito á sciencia e do culto á arte, teve, como mananciaes de origem, duas fontes principaes—o christianismo e a civilização hellenica.

Antagônicas na apparencia, devido ao caracter religioso mui diverso de ambas, ellas cooperaram, entretanto, para o mesmo fim, harmonisaram-se, e do seu consorcio resultou a civilização moderna.

Confundindo se uma na outra, ellas se modificaram reciprocamente, porem em sentido favoravel; attenuaram uma á outra o que tinham de rudeza, melhoraram-se, aperfeiçoaram-se.

O christianismo expurgou a immoralidade grosseira que ás vezes empanava o fulgor do genio grego; o hellenismo corrigio o ascetismo excessivo dos primeiros seculos do christianismo.

Conhecer, portanto, a historia e a lingua do velho povo grego; haurir os ensinamentos, que jorraram espontaneamente da alma antiga dessa pequena nação peninsular, em cuja intelligencia parece ter sido applicado um reflector divino; evocar o som antigo da lyra de seus poetas; meditar os conceitos de eterna verdade, proferidos pelos seus philosophos, ou embevecer-se nas bellezas de sua arte incomparavel e de uma simplicidade serena e magestosa, julgamos, não ser simplesmente uma distracção litteraria ou artistica, porem sim uma necessidade, um dever para um espirito que aspira os foros de culto.

Se o latim, porem, tem sido conservado como disciplina obrigatoria nos estabelecimentos de instrucção secundaria, o grego tem, pouco a pouco, sido abandonado como estudo inutil, ou, pelo menos, como luxo litterario, muito dispensavel.

Rarissimas, pois, são as pessoas que no Brazil conhecem a formosa lingua de Homero e, assim, os estudiosos esbulham-se voluntariamente de um conhecimento, pelo qual poderiam penetrar, com muito proveito para o espirito, no intimo do sentir grego.

Segundo estamos informados, porem, o mesmo não acontece na Europa.

Na Inglaterra, na Alemanha, na França, na Belgica e na Suissa a lingua grega possui numerosos cultores e os estabelecimentos de instrucção, longe de a arredarem de seus programmas, cada vez são mais exigentes, relativamente a ella.

Uma das causas principaes que tornam o grego, tão pouco estudado, sendo aliás lingua tão bella e de tão opulenta e original litteratura, é a infundada supposição de ser o grego difficilimo para ser aprendido, até poder-se intepretar, com relativa facilidade, os grandes autores que com elle vestiram as suas profundas cogitações ou engalanaram as bellas ficções, creadas pela sua imaginação ardente.

Cra, ha dois annos, pouco mais ou menos, temos consagrado a esse estudo as poucas horas que nos sobejam do magisterio e, pelos resultados obtidos, podemos affirmar com fundamento, que se o grego é lingua difficil não é comtudo mais errigada de escabrosidades que a latina, sendo até a muitos respeitos mais accessivel que esta.

Comprovando o que affirmamos, passamos a fazer algumas considerações que robustecem o nosso asserto.

Uma das difficuldades que atordoam o estudante, ao come-

gar elle o estudo do latim, é guardar na memoria as cinco declinações dos substantivos, exercicio esse em demasia arido e fatigante para a memoria, a qual só consegue graval-as por meio de constantes repetições.

A essa canceira mental, segue-se a declinação dos adjectivos e, finalmente, a dos pronomes, que é a mais cansativa e intragavel.

Sem conhecer-se bem as declinações, não se traduz uma pagina de latim e o esforço para aprendel-as é asperrimo e muitas vezes desalenta o estudioso.

No grego, porem, essa difficuldade é quasi nulla. Embora a lingua possua declinações, os casos, tal como acontece no allemão, são precedidas de artigos ou de preposições contractas com artigos, e isto é um refrigerio para a memoria.

Assim, o estudante quando traduz o grego, não tem a preocupação constante do *caso* em que se acha o vocabulo.

Basta que elle conheça bem a declinação do artigo; esta, em muitos casos, revela as outras.

Outra difficuldade que apresenta o latim, apesar de ser ella uma de suas maiores bellezas, é a extrema concisão desta lingua. O grego, pelo contrario, é uma lingua em demasia prolixa, ainda mais prolixa que o francez. Assim se temos de dizer nella estas palavras: *este homem*, teremos que collocar um artigo entre o demonstrativo e o nome, dizendo—*Outos ó azer*. Este o homem.

Esta prolixidade favorece o estudante.

O mesmo se dá com as conjunções, que geralmente são repetidas nas enumerações.

Outra difficuldade do latim, sendo esta muito escabrosa, é a constante inversão da successão logica das palavras dentro do periodo.

Lê se, por exemplo, nas *Georgicas* de Virgilio:

Quos ignis caelo Cyllenius erret in orbis.

Verso este que, passado para a ordem directa, afim de poder ser traduzido, assim fica:

In quos orbis caelo erret ignis Cyllenius.

(Em que circulos do ceu vaga o facho de Cyllenius).

Em toda a *Illiada* e em toda a *Odyssea* não se encontra um só verso, no qual as transposições sejam tão profundas.

A syntaxe grega é igualmente menos complicada e as conjunções reduzem-se a duas principaes, a dos verbos terminados pela syllaba *mi* e as dos verbos terminados pela letra *omega* (o longo)

Uma das difficuldades peculiares á lingua grega é o constante emprego de *tmeses*, figura que consiste, principalmente, na deslocação de um prefixo que fôra agregado ao radical verbal. Um pouco de pratica, porém, faz logo perceber a *tmese*, que é muito empregada, principalmente por Homero.

Vejamos um exemplo tirado da *Odyssea* :
 «*Enth ek pōntou bās ioiicēos hpeirōnde.*»

Então saltou do mar para a terra firme. O verbo *ekbas* foi scindido por *Imese*.

As pessoas que têm algum conhecimento do Alemão já estão familiarizadas com a *Imese*, que também é frequente nessa lingua. Exemplo :

Ich schreibe diese Aufgabe ab.

Eu copio este thema.

O verbo *abschreibe* foi scindido por *Imese*.

Quanto á pronuncia, a do grego é facil, embora tenha aspirações, que são designadas por signaes que possuem o nome de espiritos. Somente algumas particulas não são accentuadas, e os diptengos têm valores definidos, tornando se, pois, a pronuncia dos vocabulos bem comprehensivel.

Por todos estes motivos, taxamos como preconceito a supposta difficuldade do grego e muito louvavel seria uma campanha em prol do estudo dessa lingua, que conta entre nós tão raros cultes es.

Ninguém negará que, entre os antigos, foi o grego o povo mais culto e que mais progressos alcançou no dominio da sciencia, da poesia e da arte.

Povo livre, embalado por vetustas lendas de heroismo : povo, que tinha sempre em contemplação um ceu ameno e uma natureza risonha a filtrar-lhe o bello na alma ; povo imaginoso, que sabia dourar todas as suas ficções e emprestar vida á propria natureza inanimada ; povo entusiasta pela pureza da forma e pela doçura das linhas ; povo, cujos juizes inflexiveis se desarmavam perante a plastica deliciosa de Phinéa, e entre o qual, as castas esposas, ao sentirem-se gravidas, iam quedar se em contemplação em frente da marmorea estalua da Callipygia, para que o fructo que tinham concebido, se revestisse da beleza esculpida e peregrina da ceusa ; povo, sempre em constante adoração a : Belo e, entretanto, honesto, operoso, sociavel ; povo que sabia punir a incontinencia de Helena e presar a castidade de Penelope, sua literatura, bem como sua arte, reflectem todas essas nobres qualidades, e ellas constituem, tanto para o sabio, como para o artista e mesmo para o homem de estado, um modelo eterno a estudar e meditar, e principalmente a admirar.

Quem não tem ouvido pronunciar, com uma veneração, que o correr dos seculos vai augmentando, os nomes desses grandes pensadores, cujos conceitos têm o caracter de leis immutaveis, não obstante a epocha remota em que foram proferidos ; quem não se tem descoberto perante essas verdades, eternas, desde o estadista que reflecte sobre um juizo de Platão, até o medico, que orna á sua these doutoral com um aphorisma de Hippocrates ;

quem não se enche de admiração ao contemplar nos mais bellos edificios modernos a reproducção d'aquella architectura hellenica, tão bella, tão suave, tão harmoniosa e ao mesmo tempo tão simples, tão desprezenciosa; quem, firalmente, nunca ouviu citado o nome de Homero, esse aedo sublime, que novecentos annos antes de Christo, deixava nas paginas adamantinas de dois poemas immortaes — a Illiada e a Olysséa — dois focos de poesia, tão intensos e tão puros, que atravez de 3000 annos conservam ainda todo o seu vigor luminoso, deslumbrando os espiritos que se banham nessa claridade e inspirando, em todos os tempos, os talentos de escol.

Quando o estudo do grego não tivesse outra vantagem senão para interpretar-se Homero, o prazer alcançado com a leitura do prisco bardo, compensar-nos-hia bastante o esforço feito para adquirir a lingua formosa em que elle architectou as suas sublimes ficções, esses dois soberbos poemas, tão nobres, tão elevados e ao mesmo tempo tão tocos, os quies, no conceito de um venerando padre christão, S. Basilio, são um hymno constante á virtude.

Estudemos, pois, o grego, que elle nos compensará sufficientemente o esforço, que empregarmos para adquiri-lo.

ANNIBAL MASCARENHAS

REVISTA PEDAGOGICA

Com justificado desvanecimento, transcrevemos, a seguir, as elogiosas referencias feitas a esta Revista por importantes órgãos de publicidade, aos quaes penhoradamente agradecemos:

Do *Diario do Estado*, desta capital:

“O illustre Sr. Carlos Camara, director da Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará, nos enviou o primeiro numero da “Revista Pedagogica,” destinada á vulgarização de todas as boas doutrinas que se relacionem com a instrução popular, ensino technico profissional e educação moral e civica.”

E' um patriotico programma o da Revista fundada pelo Sr. Carlos Camara. Não se trata de uma publicação de valor meramente litterario. O seu primeiro numero vem

repleto de trabalhos interessantes, todos dentro do programma da Revista, de onde extrahimos os seguintes trechos que desejariamos tivessem sempre inspirado os nossos estadistas :

“A missão da escola não deve ser apenas *instruir* mas *dar ao filho do povo os meios de ganhar a vida*. Faz-se preciso propagar-se, proficua e intelligentemente, a vantagem do trabalho tecnico, a indispensabilidade da educação professional.”

O artigo programma termina com esta apostrophe patriotica de Montalembert :

“Jovens e velhos, saiamos todos dessa baixa e servil condição das almas. Não sejamos em gráo algum cúmplice do entorpecimento moral e intellectual de nosso tempo. Não deixemos extinguir em nós o fogo interior, a luz e o calor, a vontade e a vida. Projecte-nos para além do horizonte dos interesses grosseiros e frivolos, um olhar intrepido; e rendendo justiça e homenagem a todas as glorias do passado, procuremos respirar o sopro de um futuro melhor.”

A “Revista Pedagogica” da Escola de Artifices veio preencher uma lacuna, ha muito sentida. Para que os leitores tenham noção da importancia dos trabalhos nella contidos, damos a seguir o sumario.”

Do *Correio do Ceará*, desta capital :

“Apareceu a lume nesta capital o primeiro numero da «Revista Pedagogica», publicação bimestral da Escola de Aprendizes Artifices do Ceará, da qual é director o sr. Carlos Camara.

Recheiada de artigos da lavra de conhecidos intellectuaes cearenses e illustrada de algumas nitidas gravuras, a «Revista Pedagogica» apresenta uma feição deveras interessante.

Repetindo no seu primeiro artigo as palavras de Platão: «Façamos da educação a cidadella do Estado», traça a norma que se pautou, declarando que seu fito é a vulgarização de todas as boas doutrinas que se relacionem com a instrução popular, ensino tecnico-proficional e educação moral e civica».

Adianta que a escola não deve simplesmente instruir, mas *dar ao filho do povo os meios de ganhar a vida*.

No presente fasciculo figuram trabalhos da penna de Th. Lopes, dr. Luiz Correia, prof. Odorico Castello Branco, dr. Aurelio de Lavor, desembargador Pedro de Queiroz, dr. Eurico Dias Martins. F. Rodrigues Cavalcante, dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, José Augusto, d. Alba Valdez, padre Silvano de Sousa, Alcides Montano, além de diversos topicos de varios auctores.

E', sem contestação, um empreendimento meritorio a publicação de tão util, valiosa e bem organizada revista.

Fazemos votos sinceros pela sua prosperidade e felicitamos o sr. Carlos Camara pela feição que soube imprimir a tão apreciavel collectanea de bons trabalhos pedagogicos.

Do *Diario de Pernambuco*, do Recife:

“Das officinas da Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará acaba de sahir o fasciculo I da ‘Revista Pedagogica’, importante publicação redigida e mantida pela direcção do mesmo estabelecimento.

O primeiro numero encerra trabalhos de valor referentes ao ensino tecnico e profissional, exposição de methodos e notas importantes sobre edificios escolares.

Conforme seu titulo, a Revista dedica-se á propaganda da pedagogia, sciencia pouco estudada ainda em determinados meios do paiz, onde o ensino se arrasta ao sabor da rotina.”

Do *Jornal do Commercio*, do Rio:

«Revista Pedagogica» — A Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará encetou esta publicação bi-mestral, na Fortaleza. A figura do Padre-mestre Ignacio Rolim, o ensino e a educação pratica são postos em realce nas paginas do primeiro fasciculo da revista auspiciosamente iniciada.

Ao Director da Escola de Aprendizizes Artifices o illustre Sr. Capitão Tenente Raymundo Beltrão Pontes, digno commandante da Escola de Aprendizizes Marinheiros, dirigiu o seguinte honroso officio:

«Accusando a recepção do 1.º fasciculo da vossa Revista Pedagogica, que, pelo seu summario rico de ensinamentos technicos e profiissonaes, como moraes e civicos, deve ser manuseada quotidianamente pelos alumnos de qualquer estabelecimento de instrucção, tenho a satisfação de vos apresentar os meus agradecimentos muito sinceros pelo inestimavel serviço que viestes prestar ao estabelecimento que tenho a honra de commandar, ministrando aos seus alumnos, por intermedio da presente Revista, tão bellas e proveitosas lições de educação civica e moral.

Augurando aos futuros fasciculos da Revista Pedagogica exito identico ao que acaba de ter o 1.º, oproveito a oportunidade para apresentar-vos os protestos da minha alta estima e consideração. Saude e Fraternidade—RAYMUNDO BELTRÃO PONTES—Capitão Tenente Commandante».

Literatura Didactica

SOLEMNIA VERBA [*]

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes, quasi a par da liberdade,
Em vós não tem poder a iniquidade;
Para a Esposa voai, narraí meus fados.

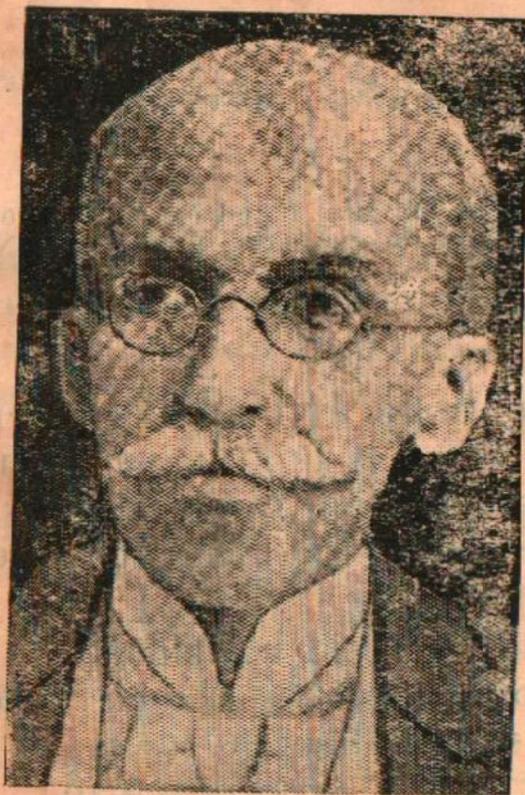
Dezei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella d'alma reinava na metade,
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu numen primeiro.
Foi a Esposa depois o mais querido
Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte, entre as duas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro,
E será de outra o ultimo gemido.

DOMINGOS JOSÉ MARTINS.

(*) Este soneto foi escripto na prisão por Domingos Jose Martins, um dos chefes da Republica de 1817, o qual foi fuzilado no dia 12 de Junho de 1817, na Bahia.



RUY BARBOSA

A PATRIA

A Pátria é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciéncia, o lar, o berço dos filhos e o tumulto dos antepassados: a communião da lei, da lingua e da liberdade.

Os que a servem são os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas se esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.

RUY BARBOSA

LETRA DO HYMNO NACIONAL

(EDIÇÃO DEFINITIVA)

O sr. Csorio Duque-Estrada registou na Bibliotheca Nacional a seguinte edição definitiva da sua letra do Hymno Nacional.

I

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brillou no céu da Patria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia nesse peito a propria morte!

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela propria natureza,
E's bello, és forte, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tú Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brazil!

II

Deitado eternamente em berço esplendida,
Ao som do mar e á luz do céu profundo,
Fulguras ó Brazil, florão da America,
Illuminado ao sol do novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida"
Nossa vida, em teu seio "mais amores".

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja symbolo
O libaró que ostentas estrellado
E diga o verde-louro dessa flammula
—Paz no futuro e gloria do passado.

Mas se ergues da justiça a clava forte,
Verás que o filho teu não foge a luta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu Brazil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brazil!

OSCRIO DUQUE-ESTRADA

EVANGELHO DA EDUCAÇÃO

APHORISMO DE GREAT

Parcimonia nas regras e abundancia de exercicios ; não esquecer que para a creança o melhor livro é a palavra dos mestres ; empregar sua memoria só como ponto de apoio, fazendo com que o ensino penetre até a sua intelligencia ; fazel-a descobrir aquillo que quizermos ensinar-lhe ; procurar ter o seu espirito em actividade e sua intelligencia despertada ; afastar dos factos caracteriscos os detalhes confusos ; na Geographia partir da rua ao logar, deste ao districto, do districto ao municipio, ao Estado, paiz, ao mundo ; na historia sacrificar os detalhes, pondo em relevo o desenvolvimento da nacionalidade, o progresso das leis sociaes.

 AVANTE !

Mocidade, marchae ! E' livre a larga estrada
Do Progresso. Buscae a perfeição suprema.
Das mesquinhas paixões rompendo a dura algema,
Dos escombros erguei a Patria libertada.

Obreiros do porvir da terra de Iracema,
Todo o esforço envidae nesta santa Cruzada,
Dando brilho e valor e gloria á Patria amada
Vossa crença no Ideal jamais vacille ou tremam !

Vós, ó mestres, lutae em prol das Causas nobres,
Exalçando a Virtude e condemnando o Crime,
Vossa luz derramae no cerebro dos pobres !

Educar, ensinar tudo que o Bello encerra,
E' por certo a missão mais bella e mais sublime
A mais alta missão das almas sobre a terra !

RAMOS NETTO

O DEVER

A felicidade da nossa patria depende exclusivamente do cumprimento do dever, essa é a condição fundamental e unica do seu progresso e do seu engrandecimento.

Não é só na guerra, diante do inimigo, que o Brasil espera dos seus filhos o cumprimento do dever, sinão tambem na paz, que tem igualmente os seus combates, as suas vicissitudes e as suas victorias.

Si, desde que conquistamos a nossa independencia, os brasileiros, não tivessemos feito outra cousa sinão o nosso dever, o Brasil seria hoje uma grande potencia; mas infelizmente o que se tem visto é o dever constantemente sacrificado aos interesses partidarios e mesmo individuaes. Quanto dinheiro e quanto sangue nos tem custado a ambição pessoal!

Patriotismo é um palavrão que enche a bocca, deixando muitas vezes o coração vasio; prefiro as duas syllabas pouco retumbantes da palavra dever, que tudo exprime e na qual estão submettidas todas as virtudes do cidadão e do homem. Não é preciso exigir dos brasileiros que sejam dignos, honrados e patriotas, sinão que cumpram o seu dever, porque no cumprimento do dever estão incluídos a dignidade, a honra e o patriotismo; nem creio que de outro modo, sinão cumprindo o seu dever, possa alguém amar e defender o seu paiz. ARTHUR AZEVEDO

PATRIA é a terra de nossos paes, avós e nossos filhos, é o solo sagrado onde repoisam as reliquias de parentes e amigos, e onde descançam os restos dos que concorreram para nosso bem estar. São os montes, são os vales, as cidades e as aldeias onde passamos nossa primeira infancia, onde despontaram nossos sonhos de gloria e onde aprendemos a amar a nosso povo e a velar por seus destinos.

Patria é o paiz onde a fatalidade nos fez nascer, para garantir nos aquelles que, já velhos, confiam seus poucos dias á pureza de nossos ideaes e á energia de nossos braços. É o meio onde se desenvolveu o nosso coração, em harmonia com as espições de nosso povo, e onde nossos avós hauriram as energias que deram lugar ás nossas tradições de honra e que nos cumpre manter, custe o que custar.

A Patria é o Brasil, a que devemos amar tanto em suas grandezas, como nos momentos de infortunios; é o Brasil, a quem cada soldado deve dizer, no campo de batalha:

Patria, é em balde que procura o estrangeiro te sugerir a uma vergonha, porque, enquanto me bater o coração, ninguem maculará teu nome, e a sacrosanta bandeira de minha nacionalidade não viverá em captiveiro! TERTULIANO BARRETO.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á **RE-
VISTA PEDAGOGICA** deverá ser dirigida
a **CARLOS TORRES CAMARA**, Director da **Es-
cola de Aprendizes Artifices do Ceará**

Fasciculo 500 reis

A' venda na **LIVRARIA RIBEIRO**

OFF. DA ESCOLA DE APREN-
DIZES ARTIFICES DO CEARA'